

A IMPORTÂNCIA
DO TEACCH

RECORDES
DE RAÇA

EMPREENDEDORISMO SOCIAL
COM FOCO EM AUTISMO

REVISTA AUTISMO

ANO VI - Nº 11 - DEZ/JAN/FEV 2021

ESPERANÇA PARA RETT

ISSN 2596-0539



00011

9 772596 053005

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando **www.tismoo.me**



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano VI/VII — número 11

Dezembro de 2020

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 5 mil exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTB: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Carla Bertim, Claudia Moraes, Haydée Freire Jacques, Lucas Ksenhuk, Maria Gabriela Bandeira, Marcelo Vitoriano, Matheus Soares de Arruda, Maurício de Sousa, Meca Andrade, Nicolas Brito Sales, Roberta Pedroni Gava, Selma Sueli Silva, Sophia Mendonça, Tiago Abreu, Viviane De Leon, Wagner Yamuto.

Impressão:

MaisType

Patrocinadores:

Grupo Método, Clínica Somar e Instituto UniTEA.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi

Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Redação: redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas: assine.RevistaAutismo.com.br

Site: RevistaAutismo.com.br

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo

Editado por: PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - s.74-A, Consolação
São Paulo (SP), CEP 01415-000

CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

EDITORIAL

Não deixei Alysson Muotri escrever artigo para esta edição da Revista Autismo. Seria demais. Está parecendo até a Muotri Magazine, hahaha. Brincadeiras à parte, o neurocientista brasileiro é destaque desta edição por ter encontrado dois fármacos que são fortes candidatos ao tratamento da Síndrome de Rett — e sua louvável tentativa de fazer esses testes clínicos aqui no Brasil. Torçamos. Tudo possível graças à tecnologia de “minicérebros” utilizada em seu laboratório, na Universidade da Califórnia em San Diego (EUA). Uma esperança para um tratamento inovador para Rett. Se isso não bastasse, ele ainda mandou, neste mês, a segunda “remessa” de organoides cerebrais para a Estação Espacial Internacional, em parceria com a Nasa!

Outra figurinha carimbada aqui é Mauricio de Sousa, que, além das HQs do André que publicamos em toda edição — desta vez com Chico Bento! —, fez um vídeo espetacular com histórias reais e inéditas sobre empreender (contando, por exemplo, como que ele ganhou “seu primeiro dinheirinho”) para o nosso novo programa de Empreendedorismo Social com foco em Autismo (ESA). Na sequência, participei com ele de uma live para a Bienal Virtual do Livro de São Paulo. Fui o mediador do debate, com o tema da inclusão de personagens com deficiência nas histórias

infantis. Imperdível. Ambos os vídeos estão disponíveis no nosso site. Como generosidade é a palavra-chave ligada ao pai da Turminha, ele ainda fez uma tirinha exclusiva para nós, um especial de Natal com o André presenteando o Papai Noel. Ficou muito fofa!

Destaque também, claro, para o lançamento da Tismoo.me, a primeira rede social do mundo dedicada ao autismo. Sucesso total e com uma lista de espera que só cresce e deve ter todos os convites ativados muito em breve. Quem está usando tem adorado.

Outra inovação que fizemos foi a criação de uma skill para a Alexa (uma espécie de aplicativo com interação por voz). Dessa forma, gratuitamente é possível ativar a skill nos equipamentos com a assistente virtual da Amazon. Vale ler a reportagem.

Como nem tudo são flores, perdemos o inigualável ativista Nilton Salvador. Perda inestimável para a causa. A amiga Claudia Moraes fez uma homenagem que está publicada nesta edição e tem seu texto completo na versão online.

Por último, destaco a reportagem “Recortes de Raça”, feita por 3 jornalistas autistas, sobre racismo no espectro, preconceito e autistas pretos.

Boa leitura e nosso desejo de um ano bem melhor!



FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo — Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 13 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 11 anos, que tem chulê e é exímia desenhista.

NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

ÍNDICE

**LANÇAMENTO
DA TISMOO.ME**

pág.40

**CANAL AUTISMO
(UM PANORAMA
DO UNIVERSO
DO AUTISMO)**

pág.35

**EMPREENDEDORISMO
SOCIAL COM FOCO
NO AUTISMO (ESA)**

pág.42

**QUEM SÃO AS
FAMÍLIAS QUE
CONVIVEM COM
O AUTISMO
NO BRASIL?**

pág.46

**RECORTES
DE RAÇA**

pág.14

**TRANSIÇÃO
SOCIAL**

pág.30

**HOMENAGEM
A NILTON
SALVADOR**

pág.12

**ESPECIAL
DE NATAL**

pág.49

**ESPERANÇA
PARA RETT**

SESSÕES

andré e a turma da mônica pág.07
o que é autismo? pág.08
canal autismo pág.35

reportagem de capa pág.20

COLUNAS

matraquinha pág.10
tudo o que podemos ser pág.13
autismo legal pág.19
coluna da meca pág.28
trabalho no espectro pág.32
autismo severo pág.34
liga dos autistas pág.50



REVISTA
AUTISMO

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade,

com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores.

Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para este email abaixo.

#RESPECTRO

www.RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:
assine.RevistaAutismo.com.br

redacao@RevistaAutismo.com.br

 twitter.com/RevistaAutismo

 fb.com/RevistaAutismo

 youtube.com/user/RevistaAutismo

 linkedin.com/company/RevistaAutismo

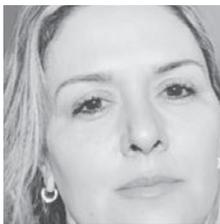
 instagram.com/RevistaAutismo



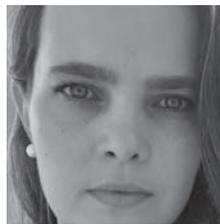
CLAUDIA MORAES
pedagoga



SELMA SUELI
jornalista



VIVIANE DE LEON
terapeuta ocupacional



ROBERTA GAVA
pedagoga



MATHEUS DE ARRUDA
estudante



HAYDÉE FREIRE
cirurgiã dentista



ALEXANDRE BERALDO
designer



SOPHIA MENDONÇA
jornalista



MECA ANDRADE
psicóloga



CARLA BERTIN
advogada



LUCAS KSENHUK
artista



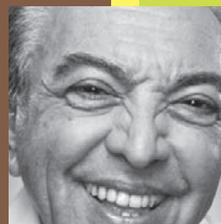
LUCAS DIAS (TANGG)
desenhista



MARCELO VITORIANO
psicólogo



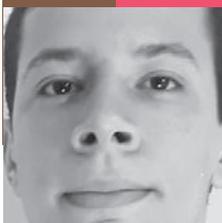
ALYSSON MUOTRI
neurocientista



MAURICIO DE SOUSA
desenhista



BIA RAPOSO
artista



NICOLAS BRITTO
fotógrafo



GABRIELA BANDEIRA
jornalista



WAGNER YAMUTO
empreendedor



DIOGO LOVATO
geneticista molecular



TIAGO ABREU
jornalista



MÁRCIA MACHADO
arquiteta



ANDRÉ em TODAS AS CORES

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2020





CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de comprometimento — há desde pessoas com condições associadas (comorbidades), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 992 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja

apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Alguns sintomas como irritabilidade, agitação, autoagressividade, hiperatividade, impulsividade, desatenção, insônia e outros podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (simbolizado pelo infinito nas cores do espectro do arco-íris), considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — data celebrada originalmente em

2004, pela organização *Aspies for Freedom* (EUA).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse.

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito ou hiperfoco;

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta.



Somos um centro de Intervenção Comportamental que oferece atendimento a pessoas portadoras do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), deficiência intelectual e/ou outros transtornos comportamentais.

Oferecemos condições únicas no Brasil.

Contamos com uma equipe interdisciplinar composta por psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos, profissionais de educação física e fisioterapia com formação em Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis – ABA). Nossos colaboradores possuem sólida formação acadêmica, incluindo entre eles mestres, doutores e especialistas em análise do comportamento, além de profissionais com certificação internacional como o BCBA (Board Certified Behavior Analyst). Nossos serviços são abrangentes e focados. Utilizamos vários ambientes e uma abordagem comportamental associada às mais recentes evidências científicas na área.

Nos, **trabalhamo** cada dia mais para proporcionar sempre a nossos clientes, um atendimento de excelência.

Venha nos fazer uma visita e conhecer nossas clínicas!

Matraquinha

AUTISMO
NA ESCOLAWagner
Yamuto

é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Crazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

f matraquinhaoficial
 @matraquinhaoficial
 v matraquinha
 matraquinha.com.br

O período escolar é uma das principais etapas de nossas vidas e o que dizer quando se trata dos nossos filhos?

As expectativas que criamos são infinitamente superiores ao que poderíamos imaginar para nós mesmos. Muitas vezes, esperamos que aquelas crianças que têm 2 anos tornem-se cientistas da NASA quando adultos.

Pensamos em um esporte como natação, que dizem ser um dos mais completos, e cursos de idiomas (para os dias atuais, apenas o inglês não é mais suficiente).

Até que chega o momento em que nos damos conta de que alguma coisa não está indo muito bem. Depois de muito refletir, chegamos à conclusão de que deve ser falta de estímulo. Entramos em lojas de brinquedos educativos e compramos aqueles aramados para trabalhar a coordenação, peças com letras, números, formas geométricas etc.

Começamos os trabalhos no mesmo dia, com as horas das atividades em planilhas, afinal de contas sem esforço não teremos a recompensa. Vamos lá!

Em um belo dia, a escola marca uma reunião com a psicomotricista que nos relata as dificuldades percebidas em nosso filho e no final da conversa nos entrega um relatório que deveria ser levado a um neuropediatra.

Fizemos o sugerido e em 10 minutos de conversa com a neuropediatra, nosso filho foi diagnosticado com autismo.

Todas aquelas expectativas se foram com as lágrimas que escorriam em nossos rostos. Ficamos um tempo sem saber o que fazer, mas a vida já nos tinha mostrado a que veio alguns anos antes.

Enxugamos o rosto e definimos como principal objetivo a qualidade de vida do nosso filho. Dentro de todas as dificuldades que o autismo apresenta, nossa meta é que ele consiga e possa ser feliz.

Mesmo com pouca idade, ele já tinha passado por três escolas e todas vieram com a justificativa de que não poderiam atender às suas necessidades especiais. As mesmas escolas que nos receberam de braços abertos e nos afirmaram que ele teria todas as ferramentas possíveis para um desenvolvimento completo e pleno.

Parece familiar este discurso?

Pois é, infelizmente é familiar para muitos de nós.

Certa vez, a diretora da escola nos chamou e explicou que ele deveria refazer a pré-escola, pois ainda não tinha habilidades suficientes para acompanhar os demais colegas e isso poderia ser muito prejudicial para sua autoestima.

Minha esposa e eu concordamos e ainda fomos avisados de que ele não teria a formatura com a turminha, pois não faria sentido, uma vez que o ano seguinte continuaria na mesma série.

Na semana seguinte, fomos convocados para outra reunião e recebemos o aviso de que ele deveria ir para o primeiro ano do fundamental por causa da idade.

Com a mesma tranquilidade que recebemos o primeiro aviso, recebemos este e já que o ano seguinte seria no primeiro ano, nada mais justo do que ele participar do encerramento deste ciclo junto com os demais amiguinhos e participar da formatura.

A diretora arregalou os olhos e disse:

“Mas ele não fez os ensaios com a turma e não dá tempo para isso”.

Nós respondemos:

“OK, mas nada impede que ele suba ao palco vestido com a beca e pegue seu canudo, e isso ele vai fazer.”

Ela ainda contestou, dizendo que o evento era muito longo e começou a lista de razões para não deixá-lo participar.

Nós fomos enfáticos e dissemos que ele não precisava dançar, recitar poemas etc.

Depois de muitos argumentos de todos os lados, a diretora entendeu que não estávamos dispostos a privar o Gabriel daquela experiência e houve apenas uma condição:

ele precisaria de um acompanhante na coxia do teatro.

No dia da formatura chegamos no horário combinado e ficamos aguardando nos chamarem para irmos até a coxia, vestir a beca e esperar o momento de brilhar.

Os amiguinhos começaram a ser chamados e quando subiam ao palco, recitavam um poema bonitinho e chamavam alguém da família para subir ao palco e concluir a cerimônia.

Quando o terceiro amiguinho subiu, chamei a professora e falei que o Gabriel também chamaria alguém especial. Ela ficou branca, e desembestou a falar, argumentando que ele não tinha ensaiado, não conseguiria, e que ele não era capaz.

Até que alguém anunciou o Gabriel: peguei na mão dele, pegamos o canudo e a mestre de cerimônia pediu para ele se sentar. Respirei fundo, levei-o até o microfone e nesse momento foi possível perceber a tensão de todos os envolvidos.

Cochichei no seu ouvido e segundos depois ele falou “mama”.

Minha esposa começou a chorar, eu comecei a chorar e quando notei todos estavam extremamente emocionados. Fomos aplaudidos e o resto é história.

Lembre-se de que a sua criança é capaz e nunca deixe o autismo ser uma sentença em suas vidas.





CLAUDIA MORAES

é mãe, pedagoga, ativista, membro do Conselho de Honra da REUNIDA.

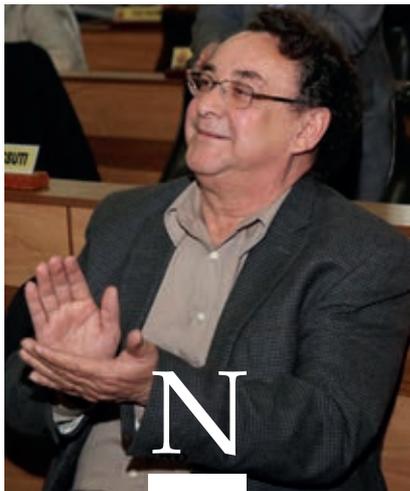


CONTEÚDO
EXTRA ONLINE

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

NILTON SALVADOR, UM PRECURSOR

“Os pais devem ter consciência e saber que o excesso de zelo nunca conduzirá o autista para uma educação que dê bons resultados, e o mesmo ocorre com o descaso.” **Nilton Salvador**



Arquivo pessoal

Nilton Salvador é um dos grandes espíritos que, de vez em quando, são enviados por Deus para organizar um pouco a vida de nós, seres humanos comuns, e desavisados das grandes verdades da vida.

Mês passado Deus o chamou de volta: o trabalho estava cumprido, ele havia colocado no caminho certo milhares de pais e mães de autistas dando-lhes esperanças, exemplos, conselhos... dando-lhes fé!

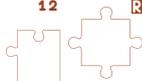
A dor que hoje sinto pela perda física desse amigo, que me tirou o chão e me moeu o coração, não é nada comparada à alegria que devem ter tido Deus e todos os amigos espirituais pelo retorno dele à verdadeira Pátria!

Devo dizer quem foi Nilton Salvador para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo, pessoas que são recém-chegadas à causa autista. Para esses posso dizer que Nilton foi, antes de tudo, o pai de Eros, Anna e Gabriel; também o esposo devotado de Roseli Antônia. Nascido em Santa Catarina, foi morar e amar Curitiba como poucos. Tornou-se escritor para dividir com outros pais a sua trajetória com o filho autista, Eros. E esse seu protagonismo foi um presente para nós, outros pais de autistas brasileiros, perdidos na década de 1990, com filhos que constavam numa incidência de 1 a cada 10 mil nascidos, sem publicações nacionais que nos

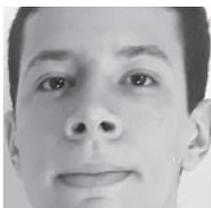
mostrassem que não estávamos sós. Em 1993, Nilton lançou seu primeiro livro, e maior sucesso, que se chamou “Vida de Autista”.

Na época da movimentação pelo Projeto de Lei do Senado nº 168, de 2011, que posteriormente resultou na Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, com os autores Berenice Piana e Ulisses Batista à frente, um dos grandes alicerces foi Nilton Salvador, que se empenhou de todas as formas para que o Brasil pudesse, sim, ter a sua lei de defesa dos direitos dos autistas, o que graças a Deus se tornou realidade em 2012, o marco da história do autismo no Brasil: a Lei Berenice Piana (12.764/12).

Leia o texto completo na versão online, no site RevistaAutismo.com.br. 📌



Tudo que
podemos ser



Nícolas
Brito Sales

Nícolas Brito Sales

tem 21 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, em seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro "TEA e inclusão escolar - um sonho mais que possível". Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, "Tudo o que eu posso ser", no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

XADREZ, PÔQUER E CULINÁRIA



A maioria das pessoas deve saber que eu sou muito caseiro. E como nós estamos nessa época de pandemia, não poderia deixar de ser diferente. Nesse meio tempo, eu venho aprendendo um monte de coisas legais, coisas que eu não tive a oportunidade de aprender antes por conta das nossas viagens, dos eventos e do meu trabalho.

Como estou mais dentro de casa agora, eu tenho a oportunidade de me desestressar cada vez mais fazendo caminhadas, cozinhando receitas diferentes em família e, além de tudo isso, eu estou jogando jogos que ajudam bastante o desenvolvimento do meu raciocínio e inteligência emocional. Tenho dedicado um tempo para jogar pôquer e xadrez. Eu já sabia jogar xadrez faz muito tempo, porém só tive oportunidade de me dedicar mais ao jogo agora. Já o pôquer, meu pai me apresentou esse jogo de cartas recentemente e eu simplesmente me apaixonei por ele. Esse jogo é genial e inclusive muitos o confundem com um mero jogo de sorte e azar, mas isso não é bem verdade. Pôquer é um jogo de habilidade em que você pode criar vários tipos de jogadas para enganar o seu adversário. E é claro, eu não jogo com dinheiro de verdade, apenas com fichas de plástico que já é bem legal e divertido. Aprendi a gostar dos carteados também, assim tenho feito uma coleção pessoal de baralhos. Tenho alguns bem exclusivos. O pôquer me ajudou bastante nos momentos de ansiedade durante a pandemia. Eu gosto da minha rotina, mas minha casa ficou cheia de familiares que vieram passar a quarentena aqui, e eu acabei me desregulando um pouco. Sendo

assim, os jogos me ajudaram nessa parte.

Tive a oportunidade de jogar xadrez com pessoas fora do meu convívio, como os meus vizinhos, que aliás estavam em quarentena também. Mesmo assim, sempre quando íamos jogar, colocávamos máscaras para nos precaver do vírus. E foi uma experiência legal que me trouxe mais experiências com a interação social, algo em que às vezes ainda sou meio travado.

Em relação a cozinhar, peguei ainda mais gosto por essa atividade. Atualmente, inclusive, eu e meus pais estamos fazendo algumas receitas e vendendo para amigos. Todas as quartas-feiras e sábados, meus pais fazem entregas em algumas das regiões da cidade de São Paulo. Aos sábados, de vez em quando, eu tenho a oportunidade de os acompanhar para ajudar nas entregas, pois é um pouco mais "agitado" digamos assim.

Enfim, essas são as atividades que tenho incluído na minha rotina durante a pandemia. Eu particularmente estou adorando essas novas atividades, mas confesso que por mais que eu não seja fã de viajar, estou com saudades das palestras e de levar informações para o público que nos acompanha.

Espero que você, leitor, tenha gostado deste texto e se achar interessante, pegue algumas dessas dicas para usar durante esse período de isolamento. Até a próxima.



SOPHIA MENDONÇA

é jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em comunicação social. Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autora de sete livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

 @autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br



SELMA SUELI SILVA

é jornalista, radialista, youtuber, escritora e especialista em Comunicação e Gestão Empresarial. Foi diagnosticada com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) em 2016. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI. É autora de três livros.

TIAGO ABREU

Jornalista, artista, criador
do podcast *Introvertendo*

 /introvertendo

 @introvertendo

 Introvertendo

 introvertendo.com.br

 @introvertendo

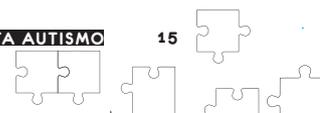


RECORTES DE RAÇA



Quem são estas
pessoas que desafiam
as estatísticas e
fincam sua existência
numa comunidade
que raramente
as reconhece?

Ilustração: @_tangg_





ano é 2020. A comunidade do autismo no Brasil, segundo sua lógica do dia a dia, continua a debater a importância das intervenções, o desafio da inclusão e as novas perspectivas para a identificação do autismo. Tudo parece harmonioso, adequado e ideal, enquanto fora do reino encantado do espectro, as tensões da humanidade seguem.

Ora, sabemos que não é exatamente assim. Mas para se discutir raça, tema tão fundamental para se pensar o Brasil, a comunidade do autismo precisa fazer um longo percurso de raciocínio voltado a uma trajetória marcada pela invisibilidade. Se de acordo com os dados agregados pelo Centro de Controle de Doenças e Prevenção do governo dos EUA, o CDC, a grande defasagem de diagnóstico por lá centra-se na população latina, aqui no Brasil a população negra parece ser o centro de uma grande subnotificação.

Mas autistas e famílias negras – ou pretas, como alguns preferem se intitular – existem, e esta reportagem produzida pelo *Introvertendo*, o *Mundo Autista* e a *Revista Autismo* tenta compreender quem são estas pessoas que desafiam as estatísticas e fincam sua existência numa comunidade que raramente as reconhece.

Arquivo pessoal



Vitor Rodrigues

Negritude, invisibilidade e autismo, infelizmente, são palavras relacionadas entre si no Brasil.

Arquivo pessoal



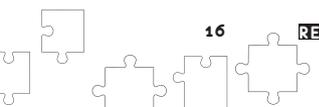
Fernanda Coelho

Autistas negros

Vitor Costa Rodrigues tem 23 anos. Jornalista, é um dos diretores da associação Núcleo de Apoio e Inclusão do Autista (Naia). Diagnosticado com autismo, reside com a família no bairro Cândida de Moraes em Goiânia (GO), localizado na mais periférica e estigmatizada região da cidade, a noroeste.

O jornalista recorda-se bem quando percebeu que era uma pessoa negra. “Estávamos reformando a nossa casa e meus pais estavam aqui na rua de casa, colocando pra dentro do nosso quintal um carregamento de telhas. Os dois foram abordados por um vizinho que perguntou para ambos quanto cada um estava recebendo pra colocar aquelas telhas dentro do quintal, sendo que na verdade os dois que eram os proprietários da casa”, lamentou.

A procuradora Fernanda Coelho, 37 anos, diagnosticada autista há quatro, se preocupa que a maioria das pessoas autistas negras estejam sem diagnóstico ou com diagnósticos equivocados, sem acesso a direitos. “Isso tem impacto direto na interação social e no sentimento de pertencimento ao grupo, uma vez que crianças autistas estão muito mais suscetíveis a serem vítimas de bullying”, pondera. O filho e a mãe dela também foram diagnosticados, aos 8 e 54 anos. Fernanda percebe a mãe já muito comprometida dentro do espectro por manejo inadequado da condição e vários diagnósticos errados.

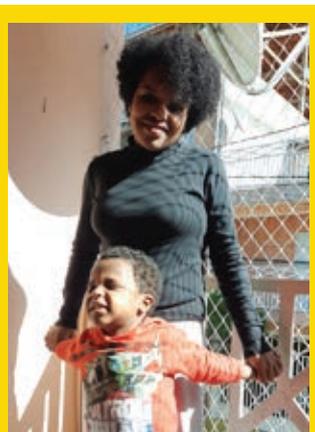


Famílias atípicas

A jornalista Gabriela Guedes, nascida em São Paulo, mãe de Gael, autista de 4 anos, traz em seu blog “Mãe Atípica Preta” um recorte de autismo voltado para a questão social e racial das pessoas pretas. Ela conta que a luta das mães e das crianças pretas é diferente.

Gabriela explica que a maternidade típica e atípica preta se encontram nas dificuldades de acesso à consulta, aos tratamentos, aos diagnósticos e acompanhamentos necessários. Porém a mãe atípica preta tem o impacto dos fatores sociais, econômicos e raciais mais intensos, o que dificulta

Arquivo pessoal



Gabriela Guedes e o filho Gael

a permanência das crianças autistas pretas nos tratamentos adequados.

Para dar visibilidade ao autismo em pessoas pretas, ela se reuniu com outra mãe, a Luciana Viegas (já citada em nossa Revista, edição 10), e formaram um coletivo para diminuir ou mesmo eliminar esse abismo entre o autismo de crianças pretas e brancas. Gabriela é enfática ao afirmar: “Para mim, o autismo nunca foi problema. O problema se concentra em lidar com as diferenças sociais, raciais, além das questões capacitistas.” E finaliza: “O racismo e o capacitismo sempre vêm atrelados.”

Já Luciana Viegas tem um filho autista e que também se identifica com o espectro. Tanto ela quanto seu filho foram alvos de comentários racistas de profissionais. “Todas as violências mais abusivas e racistas que eu passei foram dentro de um consultório. É muito comum eu entrar em um médico e não conseguir falar nada”, denunciou.

Ela afirma que, ao longo de sua trajetória na comunidade do autismo, percebeu dissonâncias relativas à cor. “A comunidade brasileira do autismo é embranquecida, não temos representatividade de autistas negros, não temos visibilidade”, frisou.

Arquivo pessoal



Luciana Viegas



Daniela Paoliello

Luana Tolentino



A riqueza de um passeio pela negritude de nossa gente

O professor Milton Santos (1926 - 2001), reconhecido mundialmente como um dos maiores geógrafos brasileiros, disse no texto “Ser negro no Brasil hoje”: “A naturalidade com que os responsáveis encaram a discriminação, o racismo e o preconceito é indecente, mas raramente é adjetivada dessa maneira. Trata-se, na realidade, de uma forma do apartheid à brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil.”

Luana Tolentino, 33 anos, mestra em Educação pela UFOP, professora de História em escolas públicas e, atualmente, professora universitária é autora do livro “Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula”, lançado em 2018. Ela conta, no livro, sua trajetória como professora da escola pública, na educação básica e, com assertividade, nos mostra que a produção dos saberes não se restringe à academia. Para ela, “os professores da educação básica também podem produzir o conhecimento.”

Entre novos e velhos saberes, Luana comenta que estamos atravessando um “período de arrefecimento

da luta antirracista” pois, para ela, “os racistas, deliberadamente, saíram do armário.” “A situação exige, portanto, a resistência das pessoas pretas que, há mais de um século, denunciam os impactos do racismo.” Nessa resistência, Luana aponta que a expressão “lugar de fala” foi deturpada para ser o lugar do conforto, da omissão. “Mas não ser preto não pode silenciar e imobilizar as pessoas”, complementa. Por fim, Luana Tolentino afirma que “as mulheres pretas são atravessadas por questões de gênero, raça e de classe, já que a maioria delas é pobre.”



Arquivo pessoal

Tâhcita Mizael

Muito além do senso comum

Tâhcita Mizael, 31 anos, é autista e negra, e atualmente pós-doutoranda na área da psicologia pela USP (Universidade de São Paulo). Para ela, é importante compreender a articulação das características do autismo com outros fatores que compõem o indivíduo e impactam a trajetória dele, “como gênero, etnia e orientação sexual”.

Ela reforça a importância do dia da Consciência Negra, assim como outras datas destinadas a grupos específicos. Segundo Tâhcita, reproduzir discursos que invalidam a necessidade da data diferencial é uma forma de violentar a população negra, como se todo o sofrimento fosse um “relato falso”.

A pesquisadora lembra que, historicamente, o conhecimento foi majoritariamente constituído por brancos. “Isso não significa que necessariamente essas percepções estejam erradas, mas no mínimo incompletas.” Por isso, ela destaca a importância da diversidade na produção do conhecimento e a necessidade de reconhecimento da perspectiva que molda o olhar de cada pessoa sob os fenômenos observados. ✨



Autismo
LegalCarla
Bertin

além de mãe de um garoto autista, é contabilista, advogada, pós-graduanda em intervenções precoces no autismo e inclusão e direitos da pessoa com deficiência, blogueira, palestrante e idealizou, juntamente com seu marido, José Carlos, o projeto Autismo Legal.

 [autismolegal](#)
 [@autismolegal](#)
 [autismolegal](#)
 www.autismolegal.com.br



AUTISTA TEM DIREITO A ACOMPANHANTE EM CASO DE INTERNAÇÃO?

De fato, nossos filhos com autismo podem ter a necessidade de internação hospitalar e quando isso acontece, ainda mais nesta época de pandemia, surge a pergunta: “Posso ficar com ele? E se falarem que não posso, o que fazer?”

A Lei 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão - LBI, é muito clara:

Art. 22. À pessoa com deficiência internada ou em observação é assegurado o direito a acompanhante ou a atendente pessoal, devendo o órgão ou a instituição de saúde proporcionar condições adequadas para sua permanência em tempo integral.

§ 1º Na impossibilidade de permanência do acompanhante ou do atendente pessoal junto à pessoa com deficiência, cabe ao profissional de saúde responsável pelo tratamento justificá-la por escrito.

Quando falamos de crianças, a Lei 8.069/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, também é claro:

Art. 12. Os estabelecimentos de atendimento à saúde, inclusive as unidades neonatais, de terapia intensiva e de cuidados intermediários, deverão proporcionar condições para a permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente.

Uma informação que muitos não conhecem é que o acompanhante tem direito a alimentação e acomodação, sem qualquer cobrança adicional (Resolução

Normativa 428 da Agência Nacional de Saúde Suplementar - ANS).

Falando especificamente sobre a pandemia, a legislação segue inalterada, o que muda é o acesso à visitação, mas o acompanhante é um direito garantido e não pode ser negado.

Todo o material de segurança para o acompanhante deve ser fornecido pelo hospital, sem nenhum custo.

Muitos estados criaram leis específicas sobre isso, mas na realidade, tanto a LBI quanto o ECA têm validade em todo o Brasil.

Lembrem-se de sempre ter em mãos algum documento que comprove o autismo (já falamos sobre isso em edições anteriores).

Caso seja negado o direito ao acompanhante, pode-se:

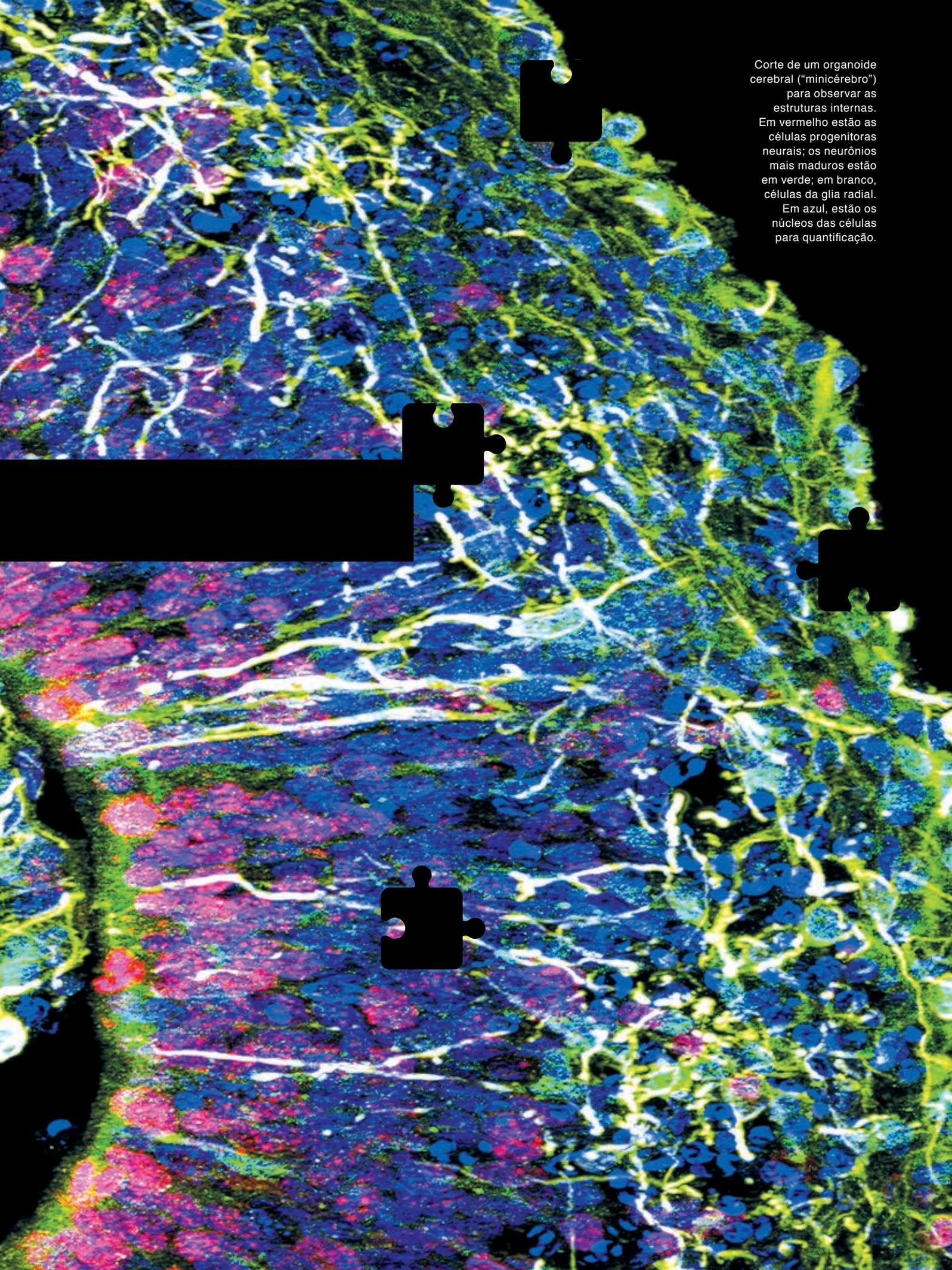
- ligar para a ANS – Agência Nacional de Saúde Suplementar, 0800 7019656 e abrir uma denúncia (normalmente resolve-se em pouquíssimo tempo);
- registrar um Boletim de Ocorrência;
- ligar para o 190 e solicitar ajuda policial;
- procurar o Ministério Público ou a Defensoria Pública para garantir o direito previsto em lei.

Esperamos que nunca precisem utilizar este direito, mas recomendamos guardar esta informação, pois ela pode ser extremamente valiosa.

A detailed microscopic image of neural tissue, showing a dense network of neurons and axons. The cells are stained in vibrant colors: bright green, deep blue, and magenta, highlighting different cellular components and their intricate connections. The overall appearance is that of a complex, interconnected neural network.

ESPERANÇA PARA RETT

A tentativa é de obter um fármaco com 'financiamento social' para chegar ao público com custo reduzido



Corte de um organoide cerebral ("minicérebro") para observar as estruturas internas. Em vermelho estão as células progenitoras neurais; os neurônios mais maduros estão em verde; em branco, células da glia radial. Em azul, estão os núcleos das células para quantificação.



Com testes em laboratório feitos em minicérebros humanos, uma equipe de pesquisadores liderados pelo neurocientista brasileiro Alysson Muotri, na Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), conseguiu reverter várias características da Síndrome de Rett e já conta com dois medicamentos para iniciar testes clínicos na fase três (já aprovados nas fases 1 e 2, demonstrando serem seguros para o consumo humano). Os minicérebros “tratados” passaram a se comportar como se não tivessem a Síndrome de Rett.

A maioria das condições de saúde ligadas ao Transtorno do Espectro do Autismo tem um componente genético complexo e multifatorial.

A Síndrome de Rett é uma exceção. Os bebês nascidos com essa forma do transtorno apresentam mutações específicas no gene MECP2, causando um prejuízo grave no desenvolvimento do cérebro que afeta principalmente as mulheres e, geralmente, vem acompanhado de características autísticas. No entanto, ainda não há tratamento para a causa — as terapias atuais visam aliviar os sintomas e obter ganho em qualidade de vida. Muitos indivíduos com Rett estão dentro do espectro do autismo.

O que os pesquisadores do Muotri Lab — da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD) e do Consórcio Sanford para Medicina Regenerativa — fizeram recentemente foi usar “minicérebros” (tecnicamente organoides cerebrais derivados de células-tronco) com mutação no gene MECP2 para melhor estudar a síndrome.

Pesquisa publicada

Em um estudo publicado dia 8 de dezembro de 2020, na revista científica EMBO Molecular Medicine, a equipe identificou dois medicamentos candidatos a neutralizar os déficits causados pela falta do gene MECP2. Esses compostos restauraram os níveis de cálcio, a produção de neurotransmissores e a atividade do impulso elétrico, fazendo os minicérebros com Rett se comportar como se não tivessem a síndrome, segundo Muotri.

“A mutação do gene que causa a Síndrome de Rett foi descoberta décadas atrás, mas o progresso no seu tratamento tem demorado. Pelo menos em parte, isso aconteceu porque os estudos com modelos de camundongos não obtiveram os mesmos resultados para os humanos”, disse o líder



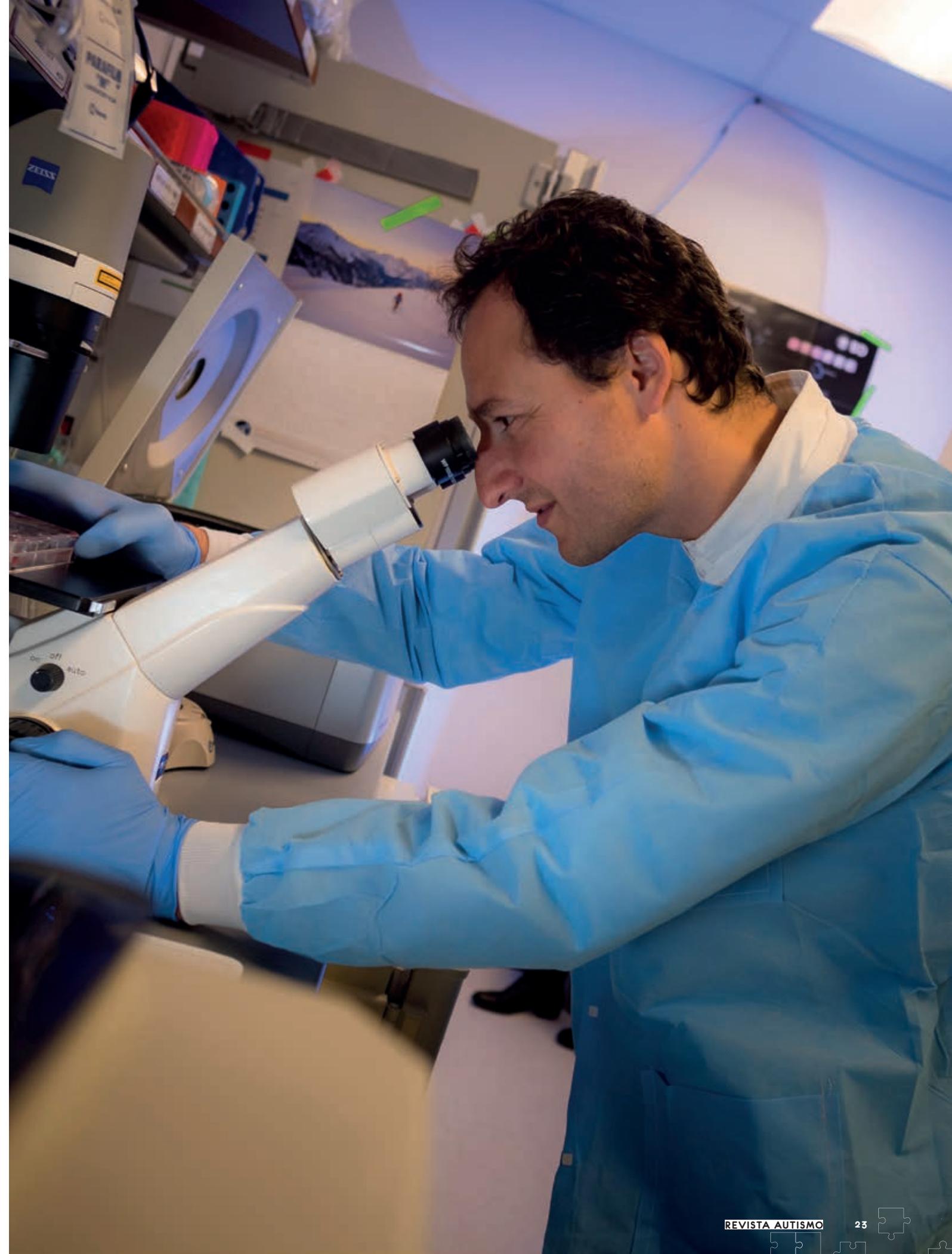
CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

do estudo, o neurocientista brasileiro Alysson Muotri, professor de pediatria e medicina celular e molecular na faculdade de medicina da Universidade da Califórnia em San Diego (EUA). “Este estudo foi impulsionado pela necessidade de um modelo que simulasse melhor o cérebro humano”, explicou.

Organoides cerebrais, os minicérebros, são modelos celulares tridimensionais que representam aspectos do cérebro humano em laboratório. Esses organoides ajudam os pesquisadores a rastrear o desenvolvimento humano, desvendar os eventos moleculares que levam a doenças e transtornos, além de testar novos tratamentos. Na UCSD, os organoides cerebrais foram usados para produzir a primeira prova experimental direta de que o vírus Zika brasileiro pode causar defeitos congênitos graves e para recolocar os medicamentos existentes para o HIV no tratamento de um outro distúrbio neurológico hereditário raro. Muotri e sua equipe também enviaram minicérebros para a Estação Espacial Internacional a fim de testar o efeito da microgravidade no

Muotri otimizou e deixou funcional a tecnologia de ‘minicérebros’.





desenvolvimento do cérebro — e as perspectivas de vida humana fora da Terra.

Eles não são réplicas perfeitas do cérebro humano, é claro. Os organóides não têm conexões com outros sistemas orgânicos, como vasos sanguíneos. Drogas testadas em organóides cerebrais são adicionadas diretamente neles — as substâncias não precisam atravessar a barreira hematoencefálica, vasos sanguíneos especializados em manter o cérebro praticamente livre de bactérias, vírus e toxinas.

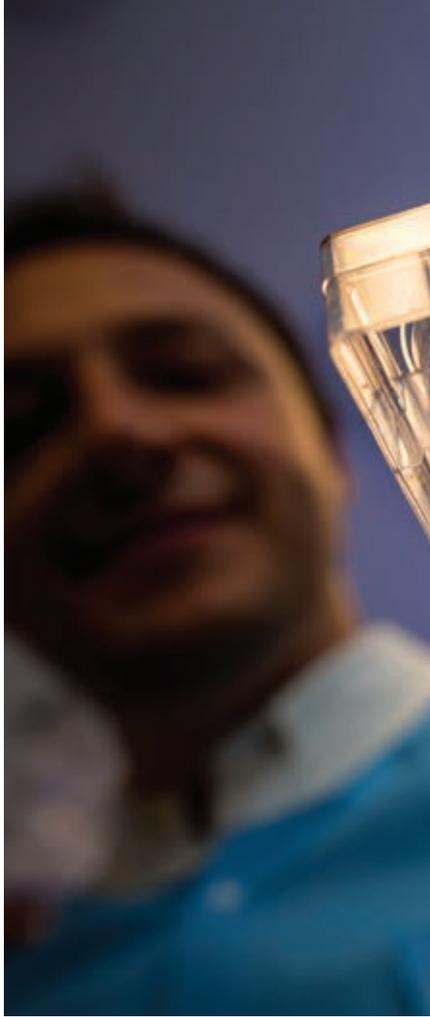
Muito próximo do real

Os pesquisadores consideram os organóides muito úteis para verificar mudanças na estrutura física ou na expressão do gene ao longo do tempo, ou ainda o efeito de uma mutação genética, vírus ou droga. No último estudo, os pesquisadores aplicaram este novo protocolo para organóides cerebrais funcionais, usando células-tronco pluripotentes induzidas (iPSCs, na sigla em inglês) derivadas de pacientes com Síndrome de Rett. Em suma, eles coletaram uma amostra de pele, trataram as células com uma técnica que as converteu em iPSCs. A partir daí, como passam a ser células-tronco, podendo se transformar em qualquer célula do corpo, elas são induzidas a se tornarem células cerebrais (neurônios), preservando a origem genética única de cada paciente. Para verificar suas descobertas, a equipe também desenvolveu organóides cerebrais artificialmente sem o gene MECP2, e até mesmo misturou células mudadas e de controle (de neurotípicos) para simular o padrão de mosaico normalmente visto em pacientes do sexo feminino.

A falta do gene MECP2 mudou muita coisa nos minicérebros:

forma, subtipos de neurônios presentes, padrões de expressão gênica, produção de neurotransmissores e formação de sinapses. A atividade do cálcio e os impulsos elétricos também diminuíram. Essas mudanças levaram a grandes defeitos no surgimento de ondas oscilatórias neurais corticais, também conhecidas como “ondas cerebrais”. Em uma tentativa de compensar a falta do gene MECP2, a equipe tratou os organóides do cérebro com 14 drogas candidatas que são conhecidas por afetar várias funções das células cerebrais. Quase todos os sintomas moleculares e celulares foram resolvidos quando os pesquisadores trataram os organóides do cérebro da Síndrome de Rett com as duas melhores drogas candidatas: Nefiracetam e PHA 543613. O número de neurônios ativos nos organóides da Síndrome de Rett, por exemplo, praticamente dobrou após o tratamento. O Nefiracetam e o PHA 543613 foram testados anteriormente em ensaios clínicos de fase 1 e 2 para o tratamento de outras doenças, o que significa que já se sabe que atravessam a barreira hematoencefálica e são seguros para consumo humano. De acordo com Muotri, esses resultados laboratoriais fornecem um argumento convincente para o avanço do Nefiracetam e do PHA 543613 em ensaios clínicos para pacientes com distúrbios do neurodesenvolvimento relacionados a mutações no gene MECP2.

Um estudo tão detalhado e tão próximo de um cérebro real só foi possível porque a equipe de Muotri conseguiu, recentemente, otimizar a tecnologia de construção de organóides do cérebro para corresponder ao padrão de impulso elétrico de bebês prematuros (fazendo, inclusive, exames de eletroencefalograma



Os 2 fármacos candidatos a tratar a Síndrome de Rett são: Nefiracetam e PHA 543613.

Fernando Regla Vargas,

diretor clínico da Abrete, médico geneticista do Hospital Universitário Gafrée Guinle (HUGG/UFRJ) e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).



OPINIÃO

O grupo de pesquisa liderado pelo Dr. Alysson Muotri realizou um trabalho muito inovador ao implementar culturas celulares 3D de neurônios com alterações no gene MECP2, o principal gene causador da Síndrome de Rett. Estes pesquisadores identificaram pelo menos duas substâncias capazes de reverter parcialmente as alterações observadas em neurônios com mutação MECP2. Além disso, ao implementar uma plataforma que permitirá o rastreamento e identificação de fármacos potencialmente benéficos, e que se tornarão futuros candidatos para testes clínicos em pacientes com síndrome de Rett, os autores produziram um trabalho de caráter muito inovador. Parabéns aos pesquisadores pelo trabalho realizado.

nos minicérebros e registrando atividades cerebrais), tornando-os mais parecidos com cérebros humanos reais do que nunca.

Coquetéis de drogas

No final, o melhor tratamento para a Síndrome de Rett pode não ser uma “super” droga, disse Muotri, que também é diretor do Programa de Células-Tronco da UCSD, membro do Consórcio Sanford para Medicina Regenerativa, cofundador da Tismoo e da rede social Tismoo.me. “Há uma tendência no campo da neurociência de procurar medicamentos altamente específicos que atinjam alvos exatos, e de usar um único medicamento para uma doença complexa”, explicou ele. “Mas não fazemos isso para muitos outros distúrbios complexos, onde tratamentos multifacetados são usados. Da mesma forma, aqui nenhum alvo resolveu todos os problemas. Precisamos começar a pensar em termos de coquetéis de drogas, assim como têm

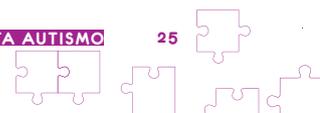
sido bem-sucedidos no tratamento de HIV e câncer”, argumentou.

Também são coautores do estudo: Cleber A. Trujillo, Jason W. Adams, Leon Tejwani, Allan Acab, Charles A. Thomas, UC San Diego; Priscilla D. Negraes, Cassiano Carromeu, UC San Diego e StemoniX Inc.; Ben Tsuda, Terrence J. Sejnowski, UC San Diego e Salk Institute for Biological Studies; Neha Sodhi, Katherine M. Fichter, Fabian Zanella, StemoniX Inc.; Henning Ulrich, Universidade de São Paulo.

Estudo completo

O estudo na íntegra pode ser obtido na versão online desta reportagem.

‘Estamos tentando trazer o teste clínico para o Brasil e beneficiar as famílias daqui, de preferência os casos mais graves e de pessoas com menos possibilidades financeiras’





Tismoo quer fazer teste clínico de medicamento para Rett no Brasil

A tentativa é de obter um fármaco com ‘financiamento social’ para chegar ao público com custo reduzido

Com a publicação deste estudo, tendo dois possíveis medicamentos para tratar a Síndrome de Rett, a startup de biotecnologia Tismoo está tentando “trazer” esse teste clínico de fase 3 para o Brasil. “A ideia é incluir os pacientes brasileiros no ensaio clínico, algo difícil de fazer caso o estudo seja conduzido em outro país”, explicou Alysson Muotri, líder do estudo publicado e um dos cofundadores da startup.

“Estamos tentando buscar financiamento, público ou privado, para fazer esses testes clínicos aqui no Brasil. É uma corrida contra o relógio, pois o esperado é que os testes sejam feitos nos Estados Unidos, mas estamos colocando muita energia para tentar fazer com que sejam realizados aqui para beneficiar as famílias brasileiras, de preferência os casos mais graves e de pessoas com menos possibilidades financeiras”, argumentou Pignatari, uma das cofundadoras e diretora-executiva da Tismoo.

Fazer com que a ciência de ponta seja mais acessível, principalmente aos brasileiros, é uma das missões da empresa, que já reduziu os preços dos exames genéticos pela metade, derrubando junto os preços dos demais laboratórios (que não são especialistas em autismo) do mercado nacional e trazendo a possibilidade de se fazer no Brasil exames que, até então, só eram possíveis nos países mais desenvolvidos, como, por exemplo, o sequenciamento completo do genoma, para mapear o subtipo de autismo e fazer uma segunda camada de diagnóstico (fizemos uma reportagem sobre isto em 2019, leia na versão online).

Medicamento social

É a indústria farmacêutica que tem cacife para financiar um ensaio clínico como esses. E o risco, o custo de todos os testes que não deram certo, se refletem no preço do medicamento desenvolvido. Por isso existem muitos remédios que são bem caros. “O que queremos fazer na Tismoo é buscar parceria social para diminuir esse risco e ter um remédio acessível. Se conseguirmos fazer isso, será um marco no Brasil. E mostraremos que é possível fazer isso sem interesse da indústria farmacêutica, num processo mais social e mais justo. Meu grande sonho é poder oferecer um tratamento primeiramente aos brasileiros”, detalhou Alysson Muotri.

Uma descoberta como essa é muito animadora para a comunidade de familiares das pessoas com Síndrome de Rett representados pela Associação Brasileira de Síndrome de Rett de São Paulo (Abre-te). “É muito difícil conviver com a indisponibilidade total de tratamentos que possam neutralizar ou minimizar os principais efeitos da síndrome. Há alguns anos as famílias vêm esperando ansiosamente por cada avanço nas pesquisas que buscam atenuar os sintomas ou até mesmo curar Rett. Saber que contamos com mais um caminho possível é motivo de celebração. Desejamos muito que esta pesquisa avance rapidamente e que seja bem sucedida em seu propósito”, contou Paula Godke, voluntária da Abre-te, que ainda acrescentou: “A possibilidade de ter um teste clínico no Brasil é realmente uma notícia incrível. Desde que me juntei à Abre-te como voluntária, muitas famílias me procuraram pedindo orientação sobre como participar de testes fora do Brasil; e sabemos que esta é uma possibilidade muito remota. Colocar esta perspectiva para a comunidade brasileira certamente

trará muito ânimo e esperança para todos os familiares”, finalizou ela.

Outros subtipos de autismo

Muotri já está trabalhando com 17 outras variantes genéticas associadas ao alto risco de autismo. “A Síndrome de Rett é a primeira e as demais já estão na fila” revelou Muotri. “Muitas dessas condições [de saúde] não são bem simuladas em modelos animais, por isso o uso dos organoides de cérebros funcionam melhor para essas pesquisas. Ele é um modelo mais translacional, e vem melhorando com o tempo”, completou ele.

Aliás, melhorar a tecnologia dos minicérebros é a intenção ao enviar os organoides para a Estação Espacial Internacional, em parceria com a Nasa. No espaço, percebeu-se que os organoides “envelhecem” mais rápido, pelo efeito da microgravidade. “Hoje já temos minicérebros que recapitulam até o nascimento. Mandado para o espaço teremos organoides que simulam um cérebro de uma criança de um ano de idade. A ideia é chegar a termos um modelo que represente os 5 ou 6 anos, passando pela fase do diagnóstico de autismo, o que seria bem mais preditivo para os testes de drogas”, detalhou Alysson Muotri.

Descoberta de novas drogas

A startup Tismoo — que é a única empresa no mundo dedicada à medicina personalizada para o autismo — tem planos de implantar sua unidade de descoberta e testes de medicamentos (drug discovery), utilizando essa mesma plataforma tecnológica de minicérebros, a partir de 2023, com o intuito de fazer pesquisa com drogas para os demais subtipos de autismo e condições de saúde relacionadas ao TEA. 🌟



O Instituto UniTEA apoia a Revista Autismo!

Nos acompanhe nas redes sociais

 @institutounitea

 @institutounitea

 UniTEA - Unidos pelo Autismo

 @unitea-autismo

 (54) 3538.0171

 unitea.com.br

 contato@ unitea.com.br

 (54) 99269.1651

 Instituto UniTEA

Coluna
da MecaMeca
Andrade

é psicóloga, com mestrado em Análise Aplicada do Comportamento pela Northeastern University (EUA), diretora do Grupo Método.

Ilustração: @xandeberaldo



O QUE HÁ DE ESPECIAL NA EDUCAÇÃO REGULAR?

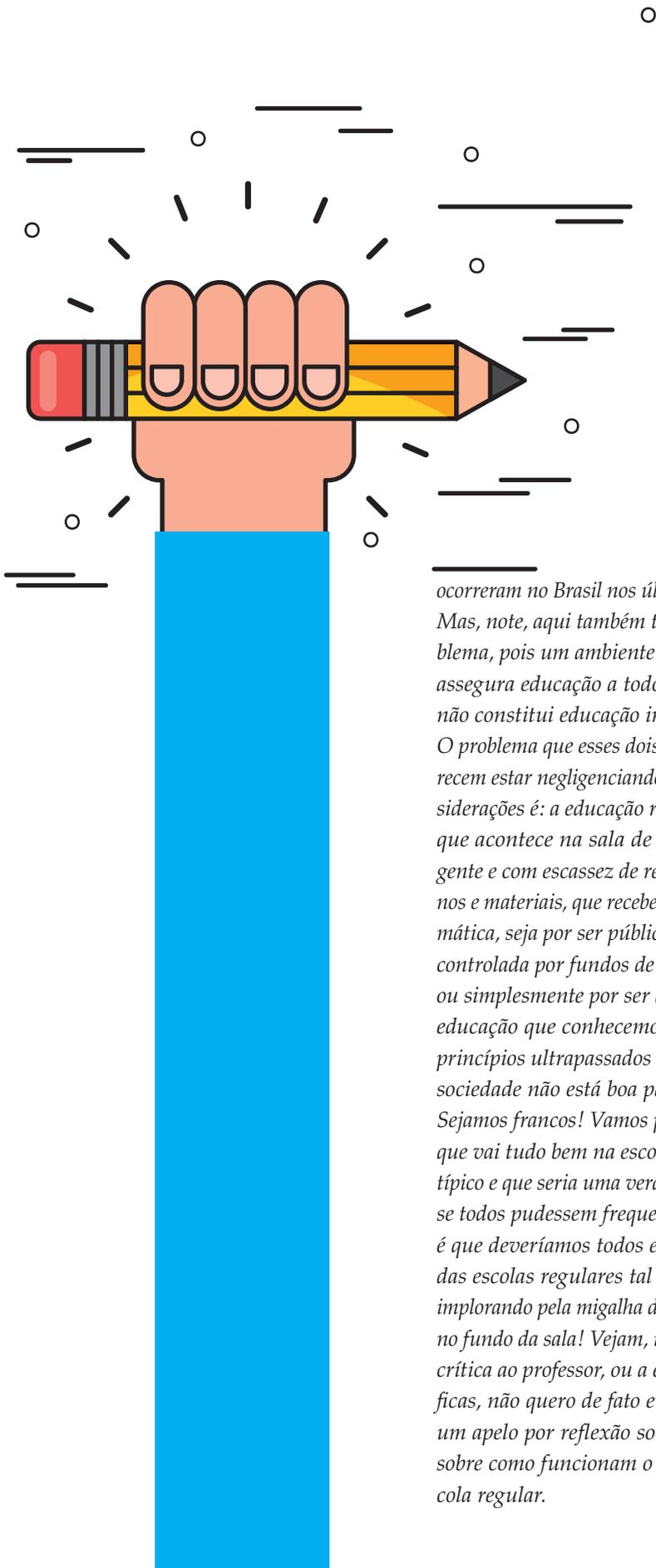
Na coluna desta edição vou ser bem franca com relação a esse novo velho dilema sobre a questão da educação especial versus a educação regular. Vou tentar não ser indelicada ainda que, já vou avisando, não vá sacrificar objetividade em favor de etiqueta.

Primeiro, situando o leitor desavisado, há um grande impasse circulando por aí em relação à possível regulamentação de escolas especiais e o que isso significa ou significaria para todos os esforços de inclusão da pessoa com deficiência que historicamente vêm sendo feitos. Todos têm uma opinião e, seguindo a tendência universal que vivemos hoje, quase todos se ofendem com a opinião que difere da sua, mesmo que apenas nos detalhes.

Por um lado, há aqueles que comemoram a possibilidade de ter acesso à “escola especial”. Aqui entendo isso como um contexto de ensino especializado e segregado que visa melhor atender às necessidades de pessoas com os mais diversos transtornos de desenvolvimento

e comorbidades. Mas note que não estamos até aqui estabelecendo uma relação de dependência entre “especializado” e “segregado”, ou entre “melhor atender” e “segregado” e nem mesmo entre “especializado” e “melhor atender”. Isso dito, o discurso que, em geral, defende a tese da escola especial costuma se basear em algumas premissas que incluem, de forma não explícita, a noção de que um contexto separado é mais favorável à boa educação da pessoa que precisa de alguma sofisticação ou individualização nas estratégias e objetivos de ensino.

Do outro lado, a bandeira da inclusão é carregada, aos gritos de “não ao retrocesso da escola especial”, para defender que as pessoas – todas – devem ser educadas na escola regular, entre seus pares e não de forma segregada. Esse discurso escancara a preocupação com o impacto negativo que a existência de ambientes de ensino segregados poderia trazer a todos, reduzindo ou eliminando todas as conquistas por direitos humanos que



ocorreram no Brasil nos últimos 10 anos. Mas, note, aqui também temos um problema, pois um ambiente inclusivo não assegura educação a todos e, portanto, não constitui educação inclusiva.

O problema que esses dois discursos parecem estar negligenciando em suas considerações é: a educação regular, aquela que acontece na sala de aula cheia de gente e com escassez de recursos humanos e materiais, que recebe gestão problemática, seja por ser pública, seja por ser controlada por fundos de investimento, ou simplesmente por ser amadora, essa educação que conhecemos baseada em princípios ultrapassados de ensino e de sociedade não está boa para ninguém! Sejamos francos! Vamos parar de fingir que vai tudo bem na escola do seu filho típico e que seria uma verdadeira benção se todos pudessem frequentá-la! O fato é que deveríamos todos estar correndo das escolas regulares tal e qual! E não implorando pela migalha de uma carteira no fundo da sala! Vejam, isso não é uma crítica ao professor, ou a escolas específicas, não quero de fato entrar nisso. É um apelo por reflexão sobre o sistema, sobre como funcionam o ensino e a escola regular.

O problema que os dois lados estão ignorando é que a escola regular não ensina ninguém, ela apenas seleciona aqueles que aprendem a despeito de suas condições adversas. Nesse sentido, talvez a disputa devesse ser justamente inversa: vamos criar uma escola especial para todos? Podemos falar em incluir todos em um contexto no qual todos possam de fato aprender? Pois, acreditem, quando isso ocorrer, incluir o diferente não será mais problema.

Vamos criar uma escola que possa olhar cada indivíduo como único, que possa dar conta dos perfis de cada um? Que permita que todos encontrem suas formas de "tirar A"?

Finalizo sugerindo que procurem não fazer desse tema mais uma plataforma de briga política. Não há porquê, vocês querem a mesma coisa, mas estão encaalhados na retórica.

A escola regular tem que ser especial o suficiente para manter pessoas com suas características únicas dentro dela aprendendo nas condições que são necessárias para aprender. Sem sofrer bullying, negligência ou abuso. Colocar todos dentro de uma sala de aula fazendo as mesmas coisas que os coleguinhas estão fazendo nunca será uma prática inclusiva. Criar escolas separadas para tentar criar a mesma uniformidade dentro do diferente, ainda menos! É um esforço de replicar o erro. Repensem a educação como um todo, juntos.



SOPHIA MENDONÇA

é jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em comunicação social. Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autora de sete livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

@autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br

TRANSIÇÃO SOCIAL

Ainda na primeira infância, disse à minha mãe que "queria ser menina".

U

Uma pesquisa quantitativa de 2020 reforçou a ideia de que a diversidade de gênero na população autista é maior do que no público em geral.

Apesar de muitos ainda se assustarem com dados e estudos como esse, a questão está longe de ser novidade para mim. Eu não tenho lembranças de me comunicar comigo mesma, por pensamento, sem utilizar pronomes femininos, mesmo tendo sido identificada como homem no nascimento.

Minha mãe relata a primeira vez quando, ainda na primeira infância, disse a ela que "queria ser menina". Quando entrei na adolescência, o desconforto com o meu corpo tornou-se muito evidente. Viajava à

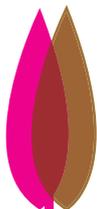
Por um tempo, tentei aceitar o rótulo de "homem gay"

praia ou a lugares onde havia piscinas sempre com camisa e bermuda. Não usava sungas e sequer tirava a blusa. Tinha pesadelos recorrentes em que pelos nasciam em meu corpo e, quando eles vieram, não hesitei a apelar para a depilação a cera. Isso, mesmo com todo o desconforto sensorial que esse método pode trazer a uma pessoa autista.

Eu soube que era autista aos treze anos de idade, dois anos após receber o diagnóstico. Aos quatorze, fui encorajada por minha mãe a relatar aos profissionais que me acompanhavam sobre o forte sentimento de incongruência em relação ao sexo biológico. Foi o meu primeiro grande trauma. A equipe profissional evitava o assunto e buscava me ensinar estratégias para que tivesse comportamentos e trejeitos menos "afeminados", com o argumento de que isso evitaria o bullying. Sempre que eu tocava no tema, sentia-me invalidada, como se eu não pudesse ter a percepção de quem eu era por mim mesma.

Havia uma forte curiosidade, por parte da equipe multidisciplinar, em saber minha orientação sexual, embora gênero e sexualidade sejam aspectos diferentes da identidade de uma pessoa. Uma pessoa trans pode manifestar qualquer orientação sexual. Por algum tempo, tentei aceitar o rótulo que me foi concedido de "homem gay" como forma de atenuar minhas angústias.

Há alguns meses, iniciei o processo de transição social, com acompanhamento psiquiátrico e psicológico e terapia hormonal com endocrinologista. Durante o processo de retificação de documentos e consultas médicas, precisei me sentir protegida por um amigo



que me levava aos lugares onde precisava ir, tanto pelas minhas disfunções executivas quanto pelo medo da transfobia. A sociedade, que já tende a ter menor condescendência com o adulto e com deficiências invisíveis, é atravessada por muitos outros preconceitos e desinformações.

Considero a expressão “transição social” a mais adequada para definir o processo, porque sempre me vi como mulher, sempre fui mulher. A reação das pessoas próximas e muitos seguidores foi de respeitar a expressão da identidade de um ser humano que resgatou sua essência, revelando, enfim, o verdadeiro aspecto. E eu? Sigo flamejante no desejo de ser feliz e contribuir positivamente à sociedade, mas livre das amarras que se transformaram em sofrimento solitário. ✦



**CONTEÚDO
EXTRA ONLINE**

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

Considero a expressão
“transição social” a
mais adequada, sempre
me vi como mulher,
sempre fui mulher.





Marcelo
Vitoriano

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas Empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é diretor geral da Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 20 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

INICIATIVA QUE DEU CERTO! INCLUSÃO E IMPACTO SOCIAL - 5 ANOS NO BRASIL

Um casal de advogados, Simone e André, após receber o diagnóstico de autismo de seu filho Dudu com 7 anos, começou a buscar por programas que atuassem com o tema. Naquele momento, já iniciava também a preocupação com o futuro de Dudu em relação ao mercado de trabalho, fazendo com que André encontrasse a Specialisterne — organização dinamarquesa que atua na formação e inclusão profissional de autistas — e, num impulso, enviasse um e-mail para as Unidades da Dinamarca e Espanha. Sem muita expectativa, André recebeu um retorno de Francesc — CEO na Espanha — e a partir daí, começam as conversas e estudos para trazer a Specialisterne para o Brasil. Aos poucos, estas conversas se tornaram cada vez mais tangíveis. Com o investimento de Ramon Bernat, pai de um jovem com autismo em Barcelona, empreendedor social e fundador da Specialisterne Espanha, foi possível viabilizar a expansão do projeto aqui, e a criação de uma Unidade na cidade de São Paulo, primeira experiência na América Latina.

E não é que deu certo! Com muita alegria, comemoramos 5 anos de atuação no Brasil. Neste período, conseguimos abordar o tema da inclusão das pessoas com autismo no mercado de trabalho e a necessidade de as empresas olharem para o potencial das pessoas autistas, além de formar e capacitar mais de 170 pessoas



com autismo e contribuir com a inclusão de mais de 120 no mercado de trabalho. Este trabalho tem sido reconhecido por diversas pessoas autistas, familiares e organizações devido ao seu impacto social. Sabemos que é preciso fazer muito mais, mas temos muito orgulho dos resultados alcançados até aqui.

Nossa história só é possível com a participação de pessoas que, desde o início, confiaram no projeto e hoje estão trabalhando e sendo reconhecidas profissionalmente. Por isso, compartilhamos alguns relatos:

“Sempre fui boa aluna com boas notas e nunca reprovei em nenhuma matéria. Estudei em uma escola normal. Hoje sou formada em Economia, com especialização em Economia Financeira. Sofri preconceito no passado. Hoje não. Mas ainda sou excluída da sociedade por ser quieta, tímida e não gostar muito de conversar. Por exemplo, até os 25 anos nunca consegui um emprego ou mesmo passar em entrevistas e processos seletivos para emprego devido a essas minhas características. Até eu conhecer a Specialisterne.” - Laura V. Após participar de alguns projetos da Specialisterne, internos e em clientes, hoje ela trabalha em uma importante multinacional de tecnologia.

“Sou formado em Design de Games e agora [estou] me formando em Ciências da Computação. Fui diagnosticado com autismo aos 10 anos. A Specialisterne me ajudou a reconhecer minhas habilidades e a me incluir no mercado de trabalho. Infelizmente,

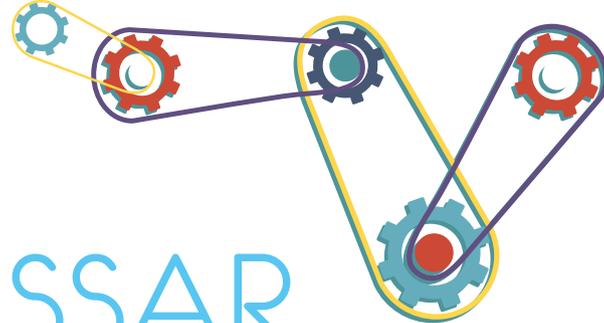
na faculdade, acabaram me excluindo, por não saberem lidar comigo, mas hoje as pessoas têm entendido que o autismo não é um ‘bicho de sete cabeças’. Fico muito feliz de ter sido incluído pela Specialisterne. Afinal, todos merecem a inclusão, seja qual for a [característica da] pessoa.” - Henryque R. S., Cientista de Dados no Itaú.

“Antes de trabalhar na Specialisterne havia uma incerteza na minha percepção sobre a minha segurança no trabalho. Não conseguia trabalhar sem ter medo de pessoas deduzirem coisas sobre meu comportamento e criarem um círculo de desconfiança. Tudo baseado em deduções. Ao trabalhar na Specialisterne e depois [disso], eu consegui ter maior confiança no trabalho. [O trabalho] me deu independência financeira. E aumentou minha auto-estima.” - Lucas, o primeiro profissional incluído pela Specialisterne no Brasil e que hoje está trabalhando em um banco de investimentos.

Que tenhamos mais histórias de inclusão com qualidade, políticas públicas adequadas às necessidades das pessoas e seus familiares e uma sociedade mais acolhedora às pessoas neurodiversas.

Agradecemos às pessoas que participaram do programa, à equipe técnica, às empresas parceiras e clientes. Um agradecimento especial a Ramon, em nome de todas as pessoas beneficiadas pela Specialisterne no Brasil. 🌟





O PASSAR DO TEMPO

Autismo Severo



Haydée
Freire
Jacques

é casada e mãe de dois filhos, sendo o mais moço autista severo. Formou-se em odontologia, exerceu a profissão até 2006, quando decidiu dedicar-se integralmente ao filho.

O que me recomenda para escrever esses pequenos artigos na Revista Autismo, uma vez que não sou especialista em nada, só pode ser a experiência de 29 anos com um filho dentro do TEA, desde os primórdios, nos idos dos anos '90. Portanto vamos a mais um pouco da nossa vida.

Sou otimista, mas insistente, por isso nunca desisto de estimular meu filho. Aos 29 anos ele ainda aprende, desde que corretamente estimulado. Claro, minhas expectativas são realistas. Pedro não fala, não adianta dar murro em ponta de faca. Mas se comunica, portanto, como não sou eterna, uma das minhas metas é fazer com que ele se comunique de uma forma razoavelmente "universal".

Nos idos dos anos '90, técnicas de comunicação alternativa eram tidas como contraproducentes aqui no Brasil, portanto desenvolvemos nosso método pessoal. Nessa altura do campeonato tentar fazer com que ele aprenda libras ou PECs, por exemplo, e desaprenda o que construímos ao longo dos anos seria altamente equivocado. Agora temos que transformar nosso "método" em algo bem lógico, para que seja de fácil entendimento para quem não pertença ao nosso círculo íntimo.

Pedro vem se abrindo para o mundo, explorando novas possibilidades, no que é bem estimulado por nós, meu marido e eu. A ideia é: deixe o guri solto, ele que veja o que quer fazer. E ele tem buscado seus objetivos, seja uma bolacha no pote na

despensa, seja um sol e céu azul no quintal de casa. Quando ele precisa, não se inibe em vir pedir auxílio. O que acho importante frisar é que nem sempre as coisas são assim. Às vezes parece que ele se acomoda, o que me deixa num misto de tristeza e irritação, mas esses momentos são cada vez mais raros atualmente.

Devo dizer que essa pandemia, nos colocando em quarentena, ajudou nesse processo, já que estamos muito mais tempo juntos e Pedro precisa se virar, eheh. Também gostaria de dizer que Marie Dorion e Eric Hamblen foram fundamentais, nos orientando no método "AT EASE Parenting and Learning Model". E, com isso, devo salientar que estudar e procurar sempre é preciso. Agora, aos 66 aninhos, já não sou tão compulsiva nessa busca, mas sempre procuro ferramentas que auxiliem o desenvolvimento do Pedro.

Em resumo, o ideal é termos um objetivo, o mais realista possível. Mas, notem bem, o que hoje é um objetivo realista aqui em casa, já foi um sonho quase impossível anos atrás. Sempre devemos ter em mente que a vida é dinâmica, que a fila anda, etc e tal. Grande abraço, pessoal.



C • A • N • A • L

AUTISMO

Revista Autismo agora está na Alexa

A Revista Autismo agora está também na Alexa, a assistente virtual desenvolvida pela Amazon, presente em vários equipamentos, principalmente nas famosas caixas de som da linha Echo. Foi desenvolvida uma skill (espécie de aplicativo para dispositivos que interagem por voz que lhe dão mais “habilidades”) a fim de explicar os sinais e sintomas de autismo, dar dicas de atividades para serem feitas com crianças em casa,

responder dúvidas gerais sobre o transtorno, algumas estatísticas, e até mesmo contar curiosidades ligadas ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Para quem tem um equipamento com a Alexa ou para quem baixar o aplicativo Amazon Alexa no seu smartphone, basta ir na área de “Skills”, procurar por “Revista Autismo” e ativar a skill. A partir daí, a própria Alexa dará as dicas do que pode ser perguntado. Vale experimentar a novidade!



Alexa, da amazon



LEIA O TEXTO
COMPLETO
NA NOSSA
VERSÃO ONLINE



Willian Chimura

“Estamos sendo negligenciados”, diz Willian Chimura a Danilo Gentili

O youtuber e pesquisador Willian Chimura, diagnosticado com autismo, participou do programa The Noite, exibido pelo SBT e apresentado por Danilo Gentili na edição exibida dia 29.set.2020. Na ocasião, Willian foi convidado no contexto de polêmicas envolvendo o humorista Léo Lins e os desdobramentos causados dentro da comunidade do autismo.

Chimura falou sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), desde o ponto de vista profissional, social e educacional. Em suas falas, destacou uma invisibilidade de adultos que, na sua visão, ainda é pouco discutida no Brasil e que estaria diretamente relacionada ao descontentamento de autistas e seus familiares com as declarações de Léo Lins.

LEIA O TEXTO
COMPLETO
NA NOSSA
VERSÃO ONLINE



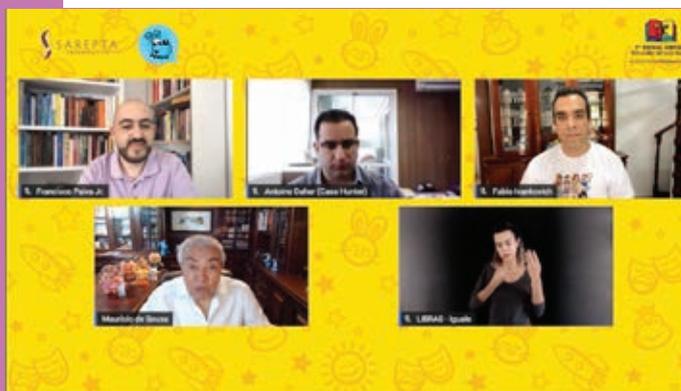
Bienal Virtual do Livro de SP teve Mauricio de Sousa falando de personagens com deficiência

No dia 10.dez.2020, uma live com tema muito importante aconteceu na Bienal Virtual do Livro de São Paulo: diversão e inclusão – a importância dos personagens com deficiência nas histórias infantis. Para um tema como esse — na versão virtual do maior evento literário da América Latina —, ninguém mais indicado que o pai da Turma da Mônica, o desenhista Mauricio de Sousa, para falar sobre o assunto. Além dele, participaram também Antoine Daher, presidente da Casa Hunter, e Fábio Ivankovich, diretor da Sarepta Brasil. O debate foi mediado pelo jornalista Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo.



LEIA O TEXTO
COMPLETO
NA NOSSA
VERSÃO ONLINE

Live da Bienal Virtual do Livro de São Paulo.



LEIA O TEXTO
COMPLETO
NA NOSSA
VERSÃO ONLINE



Muotri envia 2ª etapa de sua pesquisa com minicérebros humanos para o espaço

Com o lançamento do foguete da SpaceX ocorrido no último dia 6 de dezembro (2020), o neurocientista brasileiro Alysson Muotri enviou para a Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês para International Space Station) a segunda etapa da sua pesquisa com “minicérebros” (organoides cerebrais) em parceria com a Nasa, a agência espacial dos Estados Unidos.

Doutor Muotri, que é cofundador da Tismoo,

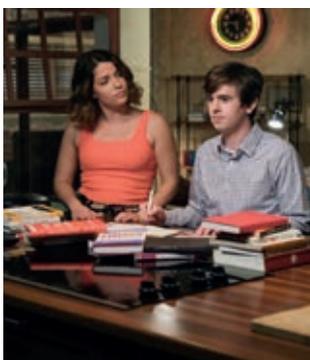
espera avançar nas descobertas já feitas na primeira etapa, quando enviou pela primeira vez na história, minicérebros para a ISS em julho de 2019. “Desta vez temos dois objetivos: o primeiro é validar os dados da missão anterior, confidenciais. O segundo, visa entender o porquê da microgravidade ‘envelhecer’ os neurônios humanos. Estamos trabalhando com algumas condições experimentais para verificar se nossa hipótese se confirma ou não”, contou o neurocientista, que é destaque no site da Nasa.

Muotri nos preparativos antes do seu ‘box’ zarpar.



Nova temporada de The Good Doctor estreou em novembro nos EUA

A 4ª temporada de “The Good Doctor” já estreou nos Estados Unidos. No dia 2.nov.2020, foi ao ar o primeiro episódio, mostrando suas adaptações à pandemia de Covid-19. No Brasil, a série é exibida pela Globoplay e ainda não tem data definida para a nova temporada, mas deve acontecer no primeiro semestre de 2021.



A emissora norte-americana ABC divulgou um trailer mostrando mais alguns detalhes a respeito da nova temporada da série. Devido à luta do médico autista Shaun Murphy (protagonista interpretado por Freddie Highmore) para salvar as vidas dos contaminados pelo novo coronavírus, ele estará separado de Lea Dilallo (Paige Spara), após terem ficado juntos no final da 3ª temporada. Depois disso, no trailer, Murphy aparece — muito bem protegido — cuidando de um paciente que está internado no hospital.

LEIA O TEXTO
COMPLETO
NA NOSSA
VERSÃO ONLINE



Podcast Introvertendo



Podcast de autistas é eleito pela Apple um dos melhores de 2020

A Apple Podcasts liberou em 1.dez.2020 uma lista de podcasts favoritos da plataforma em 2020. Entre os 12 nomes selecionados, está o Introvertendo, um podcast sobre autismo feito por autistas. O programa, produzido pela Superplayer & Co, foi lançado em maio de 2018 e aborda o autismo no cotidiano.

O jornalista Tiago Abreu, um dos organizadores da produção, comentou a seleção. “Nem tenho palavras pra dizer, só a alegria. 2020 foi um ano difícil em que nos dedicamos como nunca enquanto equipe, trabalhamos pesado no podcast, e contemplar isso apenas pode ser resumido com o sentimento de missão cumprida”, afirmou.

LEIA O TEXTO
COMPLETO
NA NOSSA
VERSÃO ONLINE



Filmagem

Fotografia

Edição

Grafismo

Criação e Assistência
em Audiovisual



(11) 95047-5255

@diegolomac

diegolombomachado@gmail.com

Veja os últimos temas tratados pelo podcast **Introvertendo**

Entre outros, destacamos os seguintes temas tratados pelo podcast semanal **Introvertendo** recentemente — além, logicamente, dos episódios que são a versão em áudio da reportagem “Recorte de Raça” desta edição da Revista Autismo.

Crianças autistas

Apresentado por Tiago Abreu e por Yara Delgado, ambos autistas, o episódio especial pelo Dia das Crianças contou com três participações: Pedro Melim Alonso, Gabriel Bertin e Laura Espíndola.

Saudade (ou não sentir Saudade)

O episódio foi conduzido por Michael Ulian e Tiago Abreu, ambos autistas, e se centrou em discutir como autistas encaram o sentimento da saudade quando as experiências de vida são ruins.

Irmãos de Autistas

A participação especial nesse episódio foi de Nick Hernández, que trabalha no Ministério Público de Santa Catarina e tem um irmão autista de 23 anos. E da carioca Isabela Werneck, de 17 anos, que criou um projeto chamado



ArTEAmando, com foco em atividades culturais para autistas e é autora de um grupo online para irmãos de autistas.

Capacitismo

O episódio trouxe a participação de três ativistas, entre eles, o pesquisador Marco Antônio Gavério, doutorando em sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e um dos teóricos sobre capacitismo no Brasil, a ativista e mãe Lau Patrón e a ativista portuguesa Sara Rocha, diagnosticada com autismo.



LEIA O TEXTO COMPLETO NA NOSSA VERSÃO ONLINE



A gente sempre leva o melhor para você

Nossa parceria continua!

Acreditamos na importância e necessidade da disseminação de informações sobre o tema **autismo** e, principalmente no momento em que estamos vivendo, contribuir para a distribuição gratuita dessa revista, reforça todo o nosso cuidado com os colaboradores, clientes, parceiros e com a **sociedade em geral**.

É uma grande satisfação fazer parte dessa ação!

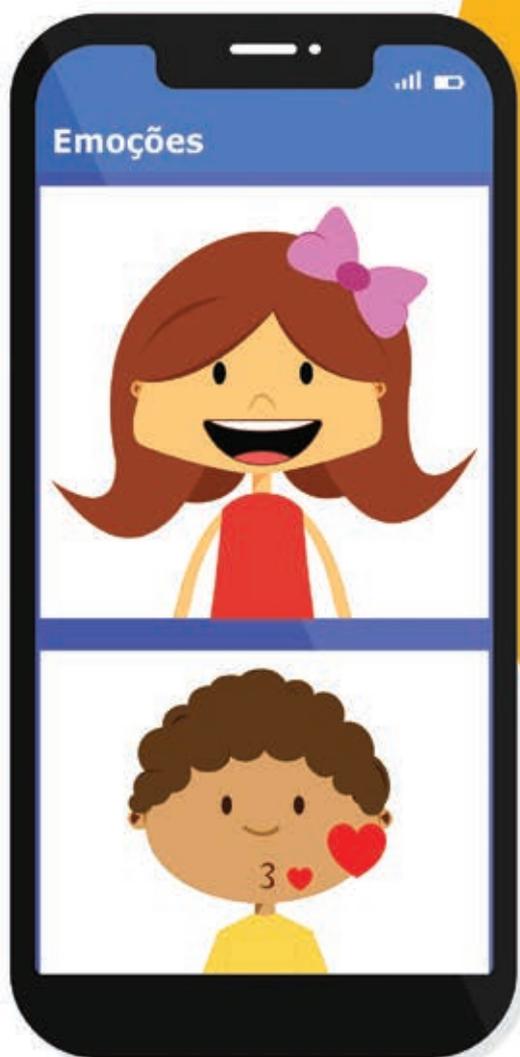
WWW.JAMEF.COM.BR

 /JAMEFENCOMENDASURGENTES

 JAMEF ENCOMENDAS URGENTES

 /JAMEFTRANSPORTES

 @JAMEF_ENCOMENDAS_URGENTES



Dê voz a quem você

AMA!

Conheça o app de comunicação alternativa **MATRAQUINHA!**

A comunicação da criança é feita através de cartões e que, ao serem clicados, fazem com que uma voz reproduza o que a criança deseja transmitir.

Disponível



MATRAQUINHA

3

2

1

0

Lançada a primeira rede social do mundo dedicada ao autismo: a Tismoo.me

U

ma startup fundada por brasileiros lançou dia 16 de novembro de 2020, a primeira rede social do mundo dedicada exclusivamente ao autismo e síndromes relacionadas. Fruto da sinergia entre a startup de biotecnologia Tismoo e da Revista Autismo, o aplicativo Tismoo.me reúne ciência, tecnologia e informação de qualidade em um ambiente seguro. O processo de desenvolvimento envolveu, ao longo de 3 anos e meio, mais de 120 pessoas como médicos, terapeutas, educadores,

cientistas, designers, profissionais de tecnologia, especialistas em conteúdo, além de autistas e seus familiares.

A ideia da plataforma é oferecer uma ferramenta para o avanço da chamada medicina personalizada: a estruturação dos dados de saúde. A falta de informação de qualidade e confiável a respeito de autismo é uma demanda latente em todo o mundo e, talvez, uma das principais causas para a dificuldade em diagnósticos e tratamentos mais precisos.

A Tismoo.me tem como objetivo compartilhar conteúdos de qualidade para os diferentes participantes deste enorme ecossistema, como, por exemplo, um artigo sobre comunicação alternativa para quem tem filho não verbal, ou um estudo sobre genética e fármacos para um médico especialista.

A startup tem entre seus fundadores,

o renomado neurocientista brasileiro Alysson Muotri, professor da faculdade de medicina da Universidade da Califórnia em San Diego (EUA) e um dos nomes mais respeitados da neurociência na atualidade. “A plataforma vai estimular muito a produção científica relacionada ao autismo, conectando grandes pesquisadores a autistas e familiares, fazendo o que hoje é muito difícil: encontrar autistas com o perfil correto para cada estudo científico. Estou certo de que, aqui nos Estados Unidos, isso fará uma verdadeira revolução!”, explica Muotri.

Para o médico neuropediatra Carlos Gadia, cofundador da Tismoo, a plataforma “não é uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a

terapeutas, a familiares, a autistas”, ressaltou ele.

Utilizando de inteligência artificial (IA), aprendizagem de máquina e uma robusta camada de segurança, a plataforma irá garantir a privacidade dos dados de cada um de seus participantes.

O aplicativo, compatível com iOS e Android, é gratuito e inicia a primeira fase apenas com convidados. São 2 mil pessoas que se cadastraram durante o ano de 2019. Já há uma lista de espera (no site www.tismoo.me) com mais de 5 mil pessoas aguardando a próxima etapa para fazer parte da rede social. Eu, como líder desta iniciativa, estou muito animado com o que virá pela frente. 🍀

26 DE AGOSTO

HÁ **11** ANOS
OFERECENDO

**OS MELHORES SERVIÇOS
EM ENTREGAS EXPRESSAS**

Esse é o nosso agradecimento especial a todos os nossos clientes:
você faz parte dessa história e são o motivo pelo qual voamos mais longe!

Azul cargo
Express

Mais barato do que você pensa.
Mais rápido do que imagina.

www.azulcargoexpress.com.br | Central de Atendimento: (11) 4003-8399

ESA: EMPREENDEDORISMO SOCIAL COM FOCO NO AUTISMO

om diversos parceiros importantes, como Specialisterne, Instituto Mauricio de Sousa, além das faculdades Insper e FIAP, a Revista Autismo está lançando o programa ESA — Empreendedorismo Social com foco no Autismo, um programa de estímulo ao empreendedorismo de impacto social com foco na geração de transformações positivas para a pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e toda a comunidade ligada a esta condição de saúde.

O foco do programa está em impulsionar iniciativas empreendedoras que buscam resolver as principais questões relacionadas ao autismo, além de autistas empreendedores com startups em qualquer setor.

“Acredito que neste momento existem inúmeros projetos importantes para o ecossistema do autismo que podem e devem ser impulsionados o quanto antes, e para isso podem contar com os programas de mentoria que estamos criando” argumentou Luiz Trivelatto, head de mentoria do ESA, coordenador do programa.

Programa incentivará startups com foco na comunidade ligada ao autismo e autistas que criarem startups para qualquer setor

Parcerias

Para o Centro de Empreendedorismo do Insper (Cemp), a parceria mostra a sinergia com o programa: “O Cemp tem como pilar estratégico ser um hub de conexões produtivas na comunidade Insper. Abrimos, assim, mais uma iniciativa para cumprir nosso papel no ecossistema: conectar pessoas com a finalidade de desenvolver projetos que possam transformar a realidade ao nosso redor”, ressalta Víctor Macul, coordenador do Cemp.

A Faculdade de Informática e Administração Paulista (Fiap) também apoia o projeto com seu time de mentores, liderados por Guilherme Estevão: “Venho atuando com projetos de hackathons para inclusão de autistas no mercado de trabalho há 2 anos e parte importante da jornada é dar continuidade aos projetos e isso só é possível com conteúdos, mentorias e recursos que pavimentam a jornada empreendedora das pessoas, e participar de um programa com este enfoque só nos motiva a ampliar esse movimento a gerar impacto positivo nos projetos”, contou Guilherme, que é head de Relações Corporativas da Fiap.

O Instituto Mauricio de Sousa (IMS), outro parceiro do ESA, preparou um vídeo sobre a vida empreendedora do próprio Mauricio de Sousa. “O Instituto Mauricio de Sousa se orgulha em poder participar de um projeto que, através do empreendedorismo social, com certeza revelará novos talentos que farão a diferença na comunidade ligada ao autismo. Sempre apoiaremos essas ações!”, comemorou Amauri Sousa, diretor-executivo do IMS. O vídeo já pode ser visto no canal da Revista Autismo no Youtube.

ESCRITORA AUTISTA E ARTE-EDUCADORA DEBATEM O PAPEL DA ARTE EM NOVO LIVRO



CONTEÚDO
EXTRA ONLINE

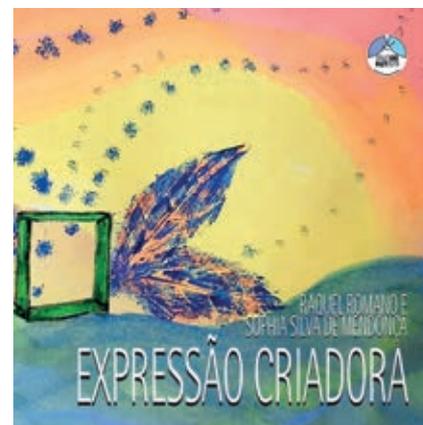
Use o QR-code que
está no índice desta
edição para ir ao site.

A construção de identidades
saudáveis, pessoas felizes e a
revitalização dos processos
socioeducativos

arteterapeuta e arte-educadora, mestre em Educação, Raquel Romano. O livro tem prefácio de Mônica Rahme, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e ilustrações da própria Raquel. As autoras também são apresentadoras do programa “De Brincadeira”, que vai ao ar às quartas-feiras no canal do YouTube “Mundo Autista”, onde destacam a importância do lúdico e do brincar para todas as faixas etárias.

O livro é baseado nas reflexões geradas durante o processo de acompanhamento de Sophia por Raquel, iniciado quando a jornalista e escritora de 23 anos estava concluindo o Ensino Médio e enfrentava fortes crises de depressão e fobia social. “Tenho enorme gratidão pela Raquel. O trabalho com ela foi crucial para me dar maior segurança e espontaneidade”, confessa Sophia.

Temas diversos são abordados na publicação, como a comunicação não-violenta, a transmissão intergeracional, os jogos teatrais e a tangência entre arteterapia e arte educação. “Acredito que os assuntos que abordamos no livro são universais, mas é especialmente legal ver como eles se aplicam no dia a dia das pessoas autistas, que têm vivências especialmente singulares”, comenta Sophia Mendonça. “Sabemos que autistas têm sentimentos e potencialidades, mas muitas vezes enfrentam dificuldades em expressá-los. Os recursos que o livro apresenta são simples, mas muito profundos e potentes para fazer com que tudo isso venha à tona”.

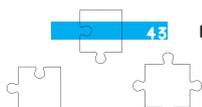


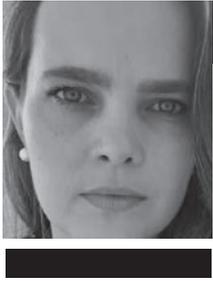
papel transformador da arte e sua atuação no cotidiano dos autistas é tema do livro “Expressão Criadora”, lançado pelo portal “Mundo Autista” no dia 4 de dezembro, às 19h, por meio de uma live no Instagram @mundo.autista.

Antes disso, em novembro, a obra teve pré-lançamento ao vivo na edição online deste ano do Congresso Científico Internacional Brain Connection.

Com abordagens relacionadas ao universo da educação humana, seja formal ou informal, “Expressão Criadora” focaliza a importância da memória afetiva, da ludicidade, do estímulo ao pensar criativo e à percepção dos fenômenos e circunstâncias da vida. Numa perspectiva humanista, o livro aponta para a construção de identidades saudáveis, pessoas felizes e a revitalização dos processos socioeducativos.

A obra é assinada pela jornalista e mestrandia em Comunicação Social Sophia Silva de Mendonça, que é autista e autora de outros seis livros, e a





ROBERTA PEDRONI GAVA

é formada em pedagogia, com especialização em ensino estruturado com base no modelo TEACCH pela Unesc, Five Day Training TEACCH pela Universidade da Carolina do Norte e também participa do programa Plural, da Suzano S.A.

A IMPORTÂNCIA DO MODELO TEACCH PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TEA

Crianças com **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)** demonstram **dificuldades nos mecanismos cognitivos que interferem nos estados mentais e nos padrões de interação social, gerando mudanças nos padrões dos jogos simbólicos, criatividade, originalidade e pragmática.** Para que haja aprendizagem nestas crianças, não se pode depender de uma compreensão implícita a respeito dos eventos, o processo de aprendizagem é realizado através da mediação com foco na aprendizagem explícita, fato que torna a função do professor ou mediador ainda mais relevante.

Tendo em vista que o TEA gera atrasos em áreas importantes do desenvolvimento da criança, faz-se necessária a implementação de intervenções a fim de oportunizar o seu aprendizado, seja em suas relações familiares, no âmbito escolar, ou nos demais ambientes da vida cotidiana. Neste contexto, qual a importância do modelo TEACCH para o desenvolvimento de crianças com TEA?

O modelo TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças com Autismo ou Desordens Relacionadas à Comunicação, em português), vinculado à Universidade da Carolina do Norte, iniciou em 1961, pelo Dr. Eric Schopler, e hoje vem sendo aplicado em vários outros países. O objetivo do modelo TEACCH

é desenvolver os pontos fortes, habilidades e necessidades das pessoas com TEA, a fim de prepará-las para o alcance de sua independência; aplica-se não apenas aos primeiros anos de vida, mas durante toda a vida.

O TEACCH configura-se como um modelo de intervenção altamente estruturado, cientificamente comprovado, que combina diferentes materiais visuais para aperfeiçoar a linguagem, o aprendizado, e reduzir comportamentos inapropriados, podendo ser aplicado tanto na esfera clínica quanto educacional. O programa pauta-se nos princípios da organização, rotina, material visualmente mediado, ensino de relações de causa e efeito, comunicação alternativa, espaços com funções, delimitações físicas, eliminação de estímulos concorrentes e manejo do comportamento.

As principais estruturas recomendadas pelo modelo TEACCH são:

Sistemas de Trabalho

Os sistemas de trabalho visam informar mediante uma linguagem visual o que fazer, como realizar, por quanto tempo e o que vem depois. As atividades são adequadas à idade cronológica do aluno e ao nível de desenvolvimento. A produtividade das crianças aumenta devido à compreensão do que deve ser feito, de quanto trabalho precisa ser realizado, o que vem em seguida e o conceito de fim.

Organização Física

O ambiente é organizado por áreas, favorecendo a realização das atividades

Tratamento e Educação para Crianças com Autismo ou Desordens Relacionadas à Comunicação

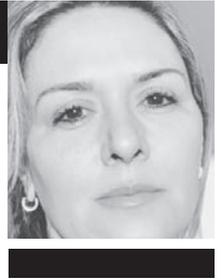


CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

é terapeuta ocupacional, psicopedagoga, mestre e doutora em psicologia e advanced consultant TEACCH, pela University of North Carolina.

f TEACCH@ estudo e discussão
@viviandedeleonoficial



e aprendizados específicos, conforme estabelecido no plano individual de intervenção. Dessa maneira, possibilita-se a clareza dos espaços, fácil acesso aos materiais que devem ser manejados e diminuição dos comportamentos disruptivos, ampliando o engajamento, o foco e o aprendizado.

Programação diária e o uso das rotinas incorporadas em agendas

Através do planejamento e definição da agenda das atividades, que pode ser indicada visualmente de

várias formas, as crianças conseguem prever acontecimentos diários e semanais, bem como atividades que precisarão ser realizadas antes/depois; essa rotina programada faz com que os alunos realizem as atividades de forma independente e diminui a ansiedade da criança.

Em suma, como o TEA afeta o desenvolvimento cognitivo da criança e torna o seu processo de interação social e aprendizado diferente das crianças neurotípicas, faz-se necessária a utilização do ensino estruturado, adaptando os recursos

educacionais, de forma a possibilitar a inclusão da criança com TEA no ensino regular, prevista na lei. Neste contexto, o modelo TEACCH apresenta-se como uma importante ferramenta de intervenção psicopedagógica e clínica, a fim de apoiar e impulsionar o desenvolvimento das crianças com TEA. 🌟



📷 AUTISMOSOMAR 🌐 AUTISMOSOMAR.COM.BR

MAIS QUE UMA CLÍNICA, UMA FAMÍLIA.

UNIDADES (PE)

TORRE

Rua Marquês de Maricá, 48
(81) 3441-5656
(81) 3039-5656

BOA VIAGEM

Rua Dona Benvida de Farias, 465
(81) 3465-3913

OLINDA

Rua José Batista da Costa Azevedo, 37
(81) 3039-5656





GABRIELA BANDEIRA

é jornalista, líder de comunidade na Genial Care, autora de 'Singulares - Um olhar sobre o autismo' e editora do site Olhares do Autismo.

olharesdoautismo.com.br

[olharesdoautismo](https://www.facebook.com/olharesdoautismo)

[@olharesdoautismo](https://www.instagram.com/olharesdoautismo)



**CONTEÚDO
EXTRA ONLINE**

Use o QR-code que está no índice desta edição para ir ao site.

QUEM SÃO AS FAMÍLIAS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO NO BRASIL?

Resultados de uma importante pesquisa sobre o autismo e as famílias no Brasil

N

ós, da Genial Care, chegamos ao fim do nosso estudo **Cuidando de Quem Cuida: um panorama sobre as famílias e o autismo no Brasil em 2020**. Durante um período de dois meses, de setembro a novembro, colhemos mais de 500 respostas de pessoas que cuidam de crianças com diagnóstico – ou suspeita – de autismo de 0 a 12 anos no país por meio de um questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha, no intuito de entender seu contexto social, familiar e também suas principais necessidades.

Ao todo, tivemos 535 respostas que traçam não somente o perfil das famílias, mas também trazem informações ricas sobre a pessoa que passa mais tempo ao lado da criança. Por exemplo, o estudo reforça o papel da mãe como cuidadora principal – uma vez que 86% dos respondentes foram mães. Outro dado relevante foi a idade do diagnóstico. Em média, os diagnósticos ocorrem quando a criança tem entre 2 e 4 anos, ou seja, fora do considerado ideal para intervenção precoce, antes dos dois anos.

Todos esses dados reforçam a necessidade de mais iniciativas e políticas públicas para as pessoas no espectro e suas famílias. Enquanto trabalhamos na divulgação completa dos dados finais, aproveitamos este espaço cedido pela Revista Autismo para trazer aos leitores um vislumbre de alguns dos principais resultados.

No que as famílias mais precisam de ajuda?

Uma das nossas dúvidas centrais, e que deu norte ao trabalho, era entender justamente quais as dificuldades das famílias e, principalmente, dos cuidadores. Nesse quesito, os principais pontos com necessidade de apoio dos respondentes foram (nesta opção de pergunta, era possível selecionar até três opções):

- 1 - Se sentirem confortáveis quanto ao futuro e planejamento ao longo prazo da criança: (70%)
- 2 - Saber o que fazer, como agir em situações desafiadoras com a criança (57%)
- 3 - Conseguir ter tempo para descanso e cuidarem de si mesmos (48%)

Todas essas respostas trouxeram ainda mais descobertas e foram sempre norteadas por motivos que

A sua empresa usa o potencial da

**internet
para
lucrar?**



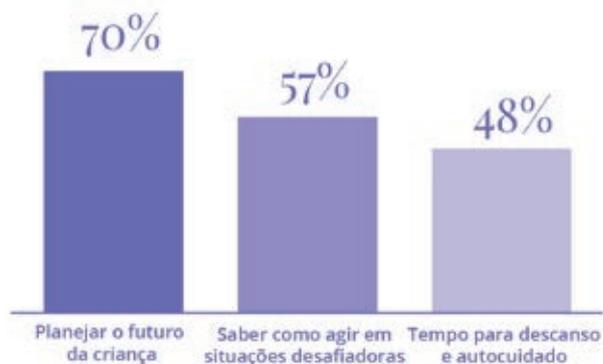
Nós somos especialistas em Internet e podemos te ajudar a tirar proveito disso.

Dados de Associação Brasileira de Internet estimam que, em 2016, o faturamento conjunto de todas as empresas que atuam no segmento no Brasil foi de R\$ 139,61 bilhões.



www.hostnet.com.br

Principais dificuldades de quem cuida de crianças com autismo



Fonte: Genial Care, 2020.

levam a família a pensar nesses receios, como o de planejar o futuro a longo prazo. Por exemplo, o fato de muitas famílias não terem conhecimento científico e prático sobre como lidar com comportamentos desafiadores e aprenderem a estimular a criança é um grande empecilho que faz com que elas tenham medo de perspectivas futuras.

Já outros dados acabam se relacionando entre si:

“42% dos cuidadores também definem ‘falar, comunicar-se de forma verbal’ como a principal prioridade no desenvolvimento da criança”, o que pode explicar o motivo para “64% das famílias afirmarem que a criança faz terapias e intervenções com fonoaudiólogo”, dado que torna esse tipo de profissional o mais procurado entre os respondentes do estudo.

Pouca diferença e muitas semelhanças

Ainda que os cuidadores pesquisados fossem diferentes no quesito escolaridade

(alguns não chegaram a concluir o ensino fundamental enquanto outros já são pós-graduados) ou financeiro (tivemos famílias com renda mensal inferior a R\$ 1 mil e superior a R\$ 10 mil) houve muito mais semelhanças que diferenças neles do que apenas o fato de conviverem com uma criança com autismo.

A exemplo disso, 73% das famílias com a renda mais alta sentiram dificuldade em planejar o futuro da criança a longo prazo, dado bastante parecido com a média entre todas as outras rendas: 68%.

Além disso, cuidadores com pós-graduação demonstraram o maior nível de dificuldade em entender com clareza os marcos de desenvolvimento da criança, registrando 26% do total nesta dificuldade. No geral, as médias de respostas foram bem parecidas, considerando a classe social ou nível de escolaridade.

Nossos próximos passos

Esses e muitos outros dados norteiam agora a criação de um treinamento para quem cuida de crianças com autismo. Estamos trabalhando na organização dos resultados finais do estudo, que serão enviados para quem respondeu à pesquisa e todos que nos seguem nas redes sociais. Acesse @genialcare no Instagram para acompanhar! 📌

Desconforto quanto ao planejamento a longo prazo



Fonte: Genial Care, 2020.

ANDRÉ PRESENTEIA PAPAI NOEL

ANDRÉ em

ESPECIAL de **NATAL**



+ REVISTA **AUTISMO**



André, o personagem autista da Turma da Mônica, gosta de seguir regras à risca (como muitos autistas) e fez questão de deixar um presente pro Papai Noel (esse tão presente na imaginação das crianças) neste ano tão atípico: máscara e álcool em gel! Aí, o “fofurômetro” explodiu com esta historinha.

A tirinha foi feita por Mauricio de Sousa exclusivamente e a pedido da Revista Autismo, que há 2 anos tem parceria com o Instituto Mauricio de Sousa (IMS) e publica histórias inéditas e exclusivas do André. Aproveitamos aqui

para agradecer a confiança e generosidade em fazer o André ser o protagonista de tantas histórias que publicamos. Nosso agradecimento a Mauricio de Sousa, presidente do Instituto, e Amauri de Sousa, diretor-executivo do IMS.

Também publicamos esta HQ nas nossas redes sociais, assim como o Instituto, a Turma da Mônica e o Unicef, o Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Uma honra para nós da **Revista Autismo**.



INSTITUTO
MAURICIO
DE SOUSA

Liga dos
AutistasMatheus Soares
de Arruda

tem 21 anos, é estudante e vive atualmente em Piracanjuba (GO). Foi diagnosticado com TEA este ano, quando entrou para a Liga dos Autistas.

A IMPORTÂNCIA DE SE ESTAR EM CONJUNTO

Muitos autistas se sentem como peixe fora d'água em várias situações do cotidiano, em grupos sociais, seja na escola ou no trabalho. Essa sensação de não pertencimento acontece, muitas vezes, por não conseguirmos nos comunicar de forma satisfatória, com dificuldade no emprego do raciocínio para ter o autocontrole do que falar e de como falar. Mas isso é desgastante e leva a situações de estresse. Por isso, neurodivergentes podem ficar calados ou até mesmo incomodados em conversas, principalmente as de grupo, já que podem haver muitos estímulos. Nesse contexto, achar outras pessoas autistas pode ser uma válvula de escape. E a internet ajuda muito nisso, por possuir grupos só com pessoas do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Inicialmente, é importante falar que a internet pode ser uma ferramenta que ajuda o autista em vários aspectos. Já que nas redes sociais podemos procurar e aprender mais sobre os nossos hiperfocos, pessoas podem ver conteúdo no YouTube e outras redes sociais e aprender mais sobre o autismo, superar estigmas sobre o transtorno, e por fim, pessoas do TEA podem se juntar em grupos do Facebook ou até do Whatsapp. Ao entrar nesse tipo de comunidade, a pessoa autista pode ter uma rede de apoio, uma vez que outras pessoas do grupo possuem diferentes idades e passaram por diferentes experiências que, ao serem compartilhadas, contribuem para haver um aprendizado

geral, também podem ser apresentadas situações complicadas vividas por um integrante, e esse ser acolhido pelos demais. Além disso, pessoas com diferentes hiperfocos podem se encontrar nos grupos e falar sobre aquele determinado assunto, uma coisa muito difícil em contextos sociais fora do meio virtual.

Portanto, através da internet, a pessoa com TEA pode encontrar outras pessoas autistas para conversar, trocar ideias e saberes, e contar com o grupo nos momentos de dúvida em sua vida, em vários âmbitos. Ademais, a comunidade pode se juntar e realizar postagens explicando um pouco mais como funciona o autismo, principalmente na abordagem do autismo em adultos, um tema ainda pouco presente nas discussões e no campo acadêmico. Desse modo, graças às interações, os participantes se sentem inseridos de forma plena, e todos podem se ajudar, como em relacionamentos, na forma de lidar com as pessoas no dia a dia e até como buscar seus direitos de acordo com as leis de proteção à pessoas com deficiência.





A TISMOO está presenteando os leitores da Revista Autismo com **R\$840,00 (em desconto)*** no exame genético:

T-Exom[®]

Exoma Completo (WES)

- Sequencia aproximadamente 1% do genoma e compreende 85% das alterações genéticas relacionadas às doenças atualmente conhecidas;
- Padrão de qualidade com excelente cobertura de dados;
- Incluso uma consulta com nossos especialistas após a entrega do laudo para explicação dos resultados obtidos.

É a **OPORTUNIDADE** que você estava esperando para realizar o seu exame genético com a **TISMOO**. O crédito é gratuito, mas por **TEMPO LIMITADO***!

Para aproveitar seu crédito, basta você acessar o link: materiais.tismoo.us/promo-dezembro e se cadastrar, inserindo o código **REVISTAVINTE20**, para iniciar agora mesmo sua jornada rumo à **medicina personalizada**.

*Crédito e valores de parcelamento válidos somente para as pessoas cadastradas no link e **até 28/02/2021 às 23h59**. Leia o regulamento completo na página do link de cadastro.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

LEIA O CÓDIGO AO LADO COM A CÂMERA DO SEU CELULAR E SAIBA MAIS

tismoo.com.br



tismoo

Tel. +55 11 3251-1964

 Cel. +55 11 95638-4178

Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba
a **Revista Autismo** no seu
endereço, pagando somente o frete.

REVISTA AUTISMO



Acesse

assine.RevistaAutismo.com.br